A escolha é sua

30 anos de diálogo do Papa com os jovens

**Resumo**

Os textos selecionados e expostos neste pequeno livro recolhem 30 anos de diálogo, de troca, entre o Papa e os jovens do mundo.

O objetivo da seleção desses 12 textos é animar os jovens a tomarem iniciativa, verem o mundo com olhos mais positivos, sobrenaturais, de maneira verdadeiramente cristã, vendo nas dificuldades uma oportunidade e não obstáculos; como disse o Papa Francisco “ a escolha é sua”, cabe a cada um decidir como quer encarar a própria vida.

Espera-se que esses discursos ajudem a perceber como ser cristão desde a juventude é a aventura mais apaixonante e revolucionária que existe.

1. **DISCURSO DO SANTO PADRE DURANTE  O ENCONTRO COM OS JOVENS**

VISITA PASTORAL DO PAPA JOÃO PAULO II A BOLONHA

27 de setembro de 1997

Caríssimos jovens

1. Estou feliz por participar nesta vigília, que se realiza num contexto de fé e de alegria, onde o canto desempenha um papel importante. É a fé e a alegria dos jovens, que já pude experimentar noutras circunstâncias, especialmente por ocasião dos grandes encontros mundiais com a juventude. Observei com interesse que depois do [Dia mundial em Manila, no ano de 1995](http://www.vatican.va/gmg/years/gmg_1994-1995_po.html), teve lugar o encontro europeu em Loreto; após o recente [Dia mundial em Paris](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/travels/1997/travels/documents/trav_paris-1997.html), encontramo-nos hoje à noite em Bolonha. É um alternar-se de encontros, que vê como protagonistas os jovens em várias partes do mundo. Mas depois regressa-se sempre à Itália. Regressar significa que o Papa volta ao Vaticano ou a Castel Gandolfo. Aproveito este ensejo para vos cumprimentar com afeto, queridos jovens, tornando extensivo o meu pensamento cordial a todos os jovens e a todas as jovens da Itália.

Demos início ao nosso encontro – que acompanhei com grande atenção – com o Salmo 96, que convida a «cantar ao Senhor um cântico novo», a bendizer o Seu nome, a alegrar-se e a exultar juntamente com a inteira criação. Desta forma, o canto torna-se a resposta de um coração repleto de júbilo, que reconhece a presença de Deus ao seu lado.

«Permanecestes aqui, Mistério visível », repetis nestes dias, durante o Congresso Eucarístico Nacional. A fé exprime-se também com o canto. A fé faz-nos cantar na vida a alegria de sermos filhos de Deus. Saúdo com afeto todos vós, artistas e jovens aqui presentes que, mediante a música e o canto exprimis palavras de paz, esperança e solidariedade «nas cítaras do nosso tempo».

Hoje à noite, música e poesia deram voz aos interrogativos e aos ideais da vossa juventude. Nesta noite, Jesus Cristo vem ao vosso encontro ao longo do caminho da música.

2. Amadíssimos jovens, agradeço-vos esta festa, que quisestes organizar como uma espécie de diálogo a várias vozes, onde música e coreografia nos ajudam a refletir e a rezar. Um dos vossos representantes acabou de dizer, em nome de todos vós, que a resposta aos interrogativos da vossa vida «está soprando no vento». É verdade! Todavia, não no vento que tudo disperde nos vórtices do nada, mas no vento que é sopro e voz do Espírito, voz que chama e diz: «Vem!» (cf. Jo 3, 8; Ap 22, 17).

Perguntastes-me: quantas estradas deve o homem percorrer para poder reconhecer-se [como] homem? Respondo-vos: uma! Uma só é a estrada do homem, e é Cristo que disse «Eu sou o Caminho! » (Jo 14, 6). Ele é a estrada da verdade, o caminho da vida.

Por isso, digo-vos: nas encruzilhadas onde se entretecem as inúmeras sendas dos vossos dias, interrogais-vos acerca do valor da verdade de cada uma das vossas opções. Às vezes, pode acontecer que a decisão seja difícil e árdua, e que a tentação à depressão se torne insistente. Já se verificou com os discípulos de Jesus, porque o mundo está repleto de veredas fáceis e sedutoras, caminhos que descem, imergindo-se na sombra do vale, onde o horizonte se torna cada vez mais angusto e sufocante. Jesus propõe-vos um caminho que sobe, que é difícil de percorrer, mas que consente ao olho do coração perscrutar horizontes sempre mais vastos. A escolha é vossa: deixar-vos transportar para baixo, rumo aos vales de um conformismo insensível, ou enfrentar o cansaço da subida rumo aos píncaros onde se respira o ar puro da verdade, da bondade e do amor.

A pouco mais de um mês do grande encontro em Paris, voltamos a encontrar- nos aqui em Bolonha e ainda está vivo em nós o eco do tema desse Dia mundial: «Mestre, onde moras? Vinde ver!». É o convite que dirijo também a vós: vinde ver onde o Mestre mora. Este Congresso em Bolonha diz-nos que Ele reside na Eucaristia.

3. Os meus votos são por que também vós possais, juntamente com Simão Pedro e os outros discípulos, encontrar Cristo para Lhe dizer: «Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna » (Jo 6, 68).

Sim, Jesus tem palavras de vida eterna; n'Ele tudo se redime e se renova. Com Ele é deveras possível «cantar um cântico novo» (Sl 96, 1) nesta vigília, à espera da grande festa que concluiremos amanhã com a celebração da Eucaristia, ápice do Congresso Eucarístico Nacional.

Agora eu quereria confiar-vos um segredo. Com o passar do tempo, a coisa mais importante e bela para mim permanece o fato de ser sacerdote há mais de cinquenta anos, porque cada dia me é possível celebrar a Santa Missa! A Eucaristia é o segredo da minha jornada. Esta dá força e sentido a cada uma das minhas atividades ao serviço da Igreja e do mundo inteiro.

Daqui a pouco, quando já forem altas horas da noite, a música e o canto deixarão espaço à adoração silenciosa da Eucaristia. À música e ao canto sucederão o silêncio e a oração. Os olhos e o coração fixar-se-ão na Eucaristia.

Deixai que Jesus, presente no Sacramento,  fale  ao  vosso  coração.  Ele  é a  verdadeira  resposta  da  vida  que buscais.

Ele permanece aqui conosco: é o Deus conosco. Procurai-O sem vos cansardes, recebei-O incondicionalmente e amai-O sem tréguas: hoje, amanhã e sempre!

Por fim, devo dizer-vos que durante esta vigília pensei em todas as riquezas que existem no mundo, especialmente no homem: as vozes, as intuições, as respostas, as sensibilidades e muitos, muitíssimos outros talentos. É necessária uma grande gratidão por todos estes talentos! E precisamente esta gratidão quer dizer Eucaristia. Agradecendo os bens do mundo, dando graças por todas estas riquezas, estando grato por todos estes talentos, tornamo-nos mais dispostos a viver tais talentos, a multiplicar todos estes talentos, assim como soube fazer o servo bom do Evangelho. Boa-noite! Louvado seja Jesus Cristo!

A todos a minha saudação afetuosa e a minha Bênção.

Então, antes de me ir embora, quereria concluir o que vos disse precedentemente. Disse-vos que é necessária a Eucaristia porque é preciso a gratidão por todos estes bens, por todas estas riquezas e por todos estes talentos. É necessário um grande agradecimento! Todavia, este agradecimento devia atuar-se através do sacrifício da Cruz, devia realizar- se mediante a morte cruenta de Cristo. Porém, se não houvesse a morte, não existiria nem sequer a ressurreição, não haveria o mistério pascal. «Mors et vita duello conflixere mirando, dux vitae mortuus regna vivus». Todos vós conheceis bem o latim. Mas alguns sacerdotes mais doutos traduzi-lo-ão. Queria dizê-lo para completar um pouco a visão do significado da Eucaristia. Obrigado por este encontro!

1. **DISCURSO DO SANTO PADRE JOÃO PAULO II**

XV JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE

19 de agosto de 2000

1. «Vós, quem dizeis que Eu sou?» (Mt 16, 15).

Queridos jovens e queridas jovens, com grande alegria volto a encontrar-me convosco para vivermos juntos esta Vigília de Oração, durante a qual queremos colocar-nos à escuta de Cristo, que sentimos presente entre nós. É Ele que nos fala.

«Vós, quem dizeis que Eu sou?» Jesus faz esta pergunta aos seus discípulos, perto de Cesareia de Filipe. Simão Pedro responde: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo» (Mt 16, 16). E o Mestre, por sua vez, dirige-lhe estas palavras surpreendentes: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue quem te revelou, mas o meu Pai que está nos céus» (Mt 16, 17).

Qual é o significado deste diálogo? Porque é que Jesus quer ouvir o que os homens pensam d'Ele? Porque deseja saber o que pensam d'Ele os seus discípulos?

Jesus quer que os discípulos tomem consciência do que está escondido na sua mente e no seu coração e que exprimam a sua convicção. Ao mesmo tempo, porém, Ele sabe que o juízo que vão manifestar não será apenas obra deles, porque no mesmo há de revelar-se aquilo que o Pai derramou nos seus corações com a graça da fé.

Este acontecimento nas vizinhanças de Cesareia de Filipe introduz-nos de certo modo no «laboratório da fé». Desvenda-se aí o mistério do início e da maturação da fé. Primeiro, está a graça da revelação: uma íntima e inefável doação de Deus ao homem. Vem depois o apelo a dar uma resposta. Por fim, aparece a resposta do homem, uma resposta que doravante há de dar sentido e configurar toda a sua vida.

Eis o que é a fé! É a resposta racional e livre do homem à palavra do Deus vivo. As perguntas que Cristo faz, as respostas que são dadas pelos Apóstolos e finalmente por Simão Pedro, constituem uma espécie de exame da maturidade da fé daqueles que vivem mais perto de Cristo.

2. Este colóquio junto de Cesareia de Filipe deu-se no período pré-pascal, isto é, antes da paixão e da ressurreição de Cristo. Seria preciso lembrar ainda outro acontecimento, durante o qual Cristo, já ressuscitado, examinou a maturidade da fé dos seus Apóstolos. Trata-se do encontro com o apóstolo Tomé. Este era o único ausente quando, depois da ressurreição, Cristo veio pela primeira vez ao Cenáculo. Quando os outros discípulos lhe disseram que tinham visto o Senhor, ele não quis acreditar. Dizia: «Se eu não vir o sinal dos cravos nas suas mãos, se não meter o dedo no lugar dos cravos e não meter a mão no seu lado, não acreditarei» (Jo 20, 25). Oito dias depois, os discípulos estavam reunidos de novo, e Tomé com eles. Veio Jesus, com as portas fechadas, saudou os Apóstolos dizendo: «A paz esteja convosco» (Jo 20, 26), e imediatamente se virou para Tomé: «Chega aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente» (Jo 20, 27). E, então, Tomé respondeu: «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20, 28).

Também o Cenáculo de Jerusalém foi para os Apóstolos uma espécie de «laboratório da fé». Mas, o que lá aconteceu com Tomé ultrapassa, de algum modo, o sucedido nas proximidades de Cesareia de Filipe. No Cenáculo, constatamos uma dialética mais radical entre fé e incredulidade e, simultaneamente, uma confissão ainda mais profunda da verdade de Cristo. Verdadeiramente não era fácil acreditar que pudesse novamente estar vivo Aquele que fora deposto no sepulcro três dias antes.

O divino Mestre tinha anunciado várias vezes que havia de ressuscitar dos mortos, e várias vezes dera provas de ser o Senhor da vida. Todavia a experiência da sua morte foi de tal maneira violenta, que todos tinham necessidade dum encontro direto com Ele, para acreditar na sua ressurreição: os Apóstolos no Cenáculo, os discípulos no caminho de Emaús, as piedosas mulheres junto do sepulcro... E tinha necessidade Tomé também. Mas, quando a sua incredulidade se embateu com a experiência direta da presença de Cristo, o Apóstolo incrédulo pronunciou aquelas palavras que exprimem o núcleo mais íntimo da fé: Se assim é, se verdadeiramente estás vivo Tu que foste morto, quer dizer que és «o meu Senhor e o meu Deus».

Com o caso de Tomé, o «laboratório da fé» ficou enriquecido com um novo elemento. A Revelação divina, a pergunta de Cristo e a resposta do homem acharam pleno cumprimento no encontro pessoal do discípulo com Cristo vivo, com o Ressuscitado. Aquele encontro tornou-se o início duma nova relação do homem com Cristo, uma relação em que o homem reconhece existencialmente que Cristo é Senhor e Deus; Senhor e Deus não só do mundo e da humanidade, mas também desta minha existência humana concreta. Um dia, S. Paulo há de escrever: «Perto de ti está a palavra, na tua boca e no teu coração, isto é, a palavra da fé que nós pregamos. Porque, se confessares com a tua boca que Jesus é o Senhor, e creres no teu coração que Deus O ressuscitou dentre os mortos, serás salvo» (Rom 10, 8-9).

3. Nas leituras da Liturgia de hoje, aparecem descritos os elementos que compõem aquele «laboratório da fé», donde os Apóstolos saíram como homens plenamente conscientes da verdade que Deus tinha revelado em Jesus Cristo, verdade que havia de modelar a vida pessoal deles e a da Igreja ao longo da história. Este encontro de Roma, queridos jovens, também é uma espécie de «laboratório da fé» para vós, discípulos de hoje, para os confessores de Cristo no limiar do terceiro milênio.

Cada um de vós pode encontrar dentro si mesmo a dialética feita de perguntas e respostas que atrás pusemos em destaque. Cada qual pode examinar as dificuldades que sente na fé e experimentar inclusive a tentação da incredulidade. Mas, ao mesmo tempo pode experimentar também uma gradual maturação na consciência e na convicção da sua própria adesão de fé. Com efeito, neste admirável laboratório do espírito humano, que é o laboratório da fé, sempre se encontram mutuamente Deus e o homem. Incessantemente Cristo ressuscitado entra no cenáculo da nossa vida, permitindo a cada um experimentar a sua presença e confessar: Tu, ó Cristo, és «o meu Senhor e o meu Deus».

Cristo disse a Tomé: «Porque Me viste, acreditaste. Bem-aventurados os que, sem terem visto, acreditam!» (Jo 20, 29). Todo o ser humano tem dentro de si algo do apóstolo Tomé. É tentado pela incredulidade e faz estas perguntas fundamentais: «Será verdade que Deus existe? Será verdade que o mundo foi criado por Ele? Será verdade que o Filho de Deus Se fez homem, morreu e ressuscitou?» A resposta vai-se impondo à medida que a pessoa faz a experiência da presença de Cristo. É preciso abrir os olhos e o coração à luz do Espírito Santo. Então hão de falar a cada um as chagas de Cristo ressuscitado: «Porque Me viste, acreditaste. Bem-aventurados os que, sem terem visto, acreditam!»

4. Também hoje, caríssimos amigos, crer em Jesus, seguir Jesus pelas pegadas de Pedro, de Tomé, dos primeiros apóstolos e testemunhas, implica uma tomada de posição a favor d'Ele e, não raro, quase um novo martírio: o martírio de quem, hoje como ontem, é chamado a ir contra a corrente para seguir o divino Mestre, para seguir «o Cordeiro por onde quer que vá» (Ap 14, 4). Não foi por acaso, queridos jovens, que eu quis que, durante o Ano Santo, se recordassem junto do Coliseu as testemunhas da fé do século vinte.

Talvez não vos seja pedido o sangue, mas a fidelidade a Cristo é certo que sim! Um fidelidade vivida nas situações de todos os dias: penso nos namorados e como é difícil para eles viverem, no mundo atual, a pureza antes do matrimônio. Penso nos casais jovens e às provas a que é submetido o seu compromisso de mútua fidelidade. Penso no relacionamento dos amigos e à tentação de deslealdade que pode insinuar-se entre eles.

Penso também em quem abraçou um caminho de especial consagração e ao esforço que às vezes tem de fazer para perseverar na sua dedicação a Deus e aos irmãos. Penso ainda em quem quer viver relações de solidariedade e de amor num mundo onde parece valer apenas a lógica do lucro e do interesse pessoal ou de grupo.

Penso igualmente em quem trabalha pela paz e vê nascer e desenvolver-se em várias partes do mundo novos focos de guerra; penso em quem trabalha pela liberdade do homem e ainda o vê escravo de si mesmo e dos outros; penso em quem luta por fazer amar e respeitar a vida humana e tem de assistir a frequentes atentados contra ela, contra o respeito que lhe é devido.

5. Queridos jovens, num mundo assim, é difícil acreditar? No ano dois mil, é difícil acreditar? Sim, é difícil. Não vale a pena escondê-lo. É difícil, mas com ajuda da graça é possível, como Jesus explicou a Pedro: «Não foram a carne nem o sangue quem to revelou, mas o meu Pai que está nos céus» (Mt 16, 17).

Esta noite, irei entregar-vos o Evangelho. É o presente que o Papa vos dá nesta Vigília inesquecível. A palavra nele contida é a palavra de Jesus. Se vós a escutardes no silêncio, na oração, procurando aplicá-la à vossa vida com a ajuda do conselho prudente dos vossos sacerdotes e educadores, então haveis de encontrar Cristo e segui-Lo, gastando dia após dia a vida por Ele.

Na realidade, é Jesus quem buscais quando sonhais a felicidade; é Ele quem vos espera, quando nada do que encontrais vos satisfaz; Ele é a beleza que tanto vos atrai; é Ele quem vos provoca com aquela sede de radicalidade que não vos deixa ceder a compromissos; é Ele quem vos impele a depor as máscaras que tornam a vida falsa; é Ele quem vos lê no coração as decisões mais verdadeiras que outros quereriam sufocar. É Jesus quem suscita em vós o desejo de fazer da vossa vida algo de grande, a vontade de seguir um ideal, a recusa de vos deixardes submergir pela mediocridade, a coragem de vos empenhardes, com humildade e perseverança, no aperfeiçoamento de vós próprios e da sociedade, tornando-a mais humana e fraterna.

Queridos jovens, em tarefas tão nobres não estais sozinhos. Convosco estão as vossas famílias, estão as vossas comunidades, estão os vossos sacerdotes e educadores, estão tantos de vós que, sem fazer alarde, não se cansam de amar a Cristo e de acreditar n'Ele. Na luta contra o pecado, não estais sozinhos: muitos como vós lutam e, com a graça do Senhor, vencem!

6. Queridos amigos, vejo em vós as «sentinelas da manhã» (cf. Is 21, 11-12), nesta alvorada do terceiro milênio. No decurso do século que morre, jovens como vós eram convocados em reuniões oceânicas para aprenderem a odiar, eram mandados combater uns contra os outros. Os diversos messianismos secularizados, que pretenderam substituir a esperança cristã, revelaram-se depois autênticos infernos. Hoje encontrais-vos reunidos aqui para afirmar que, no novo século, não vos prestareis a ser instrumentos de violência e de destruição; defendereis a paz, à custa da própria vida se for necessário. Não vos conformareis com um mundo onde outros seres humanos morrem de fome, continuam analfabetos, não têm trabalho. Vós defendereis a vida em todas as etapas da sua evolução terrena, esforçar-vos-eis com todas as vossas forças por tornar esta terra cada vez mais habitável para todos.

Queridos jovens do século que começa, dizendo «sim» a Cristo, dizeis «sim» a cada um dos vossos mais nobres ideais. Eu peço a Cristo que reine nos vossos corações e na humanidade do novo século e milênio. Não tenhais medo de vos entregar a Ele: guiar-vos-á e dar-vos-á força para O seguirdes cada dia em todas as situações.

Que Maria Santíssima, a Virgem que disse «sim» a Deus durante toda a sua vida, os Santos Apóstolos Pedro e Paulo e todos os Santos e Santas, que assinalaram ao longo dos séculos o caminho da Igreja, vos conservem sempre neste santo propósito!

A todos e cada um, ofereço com afeto a minha Bênção.

1. **Discurso do Santo Padre João Paulo II**

**VIGÍLIA DE ORAÇÃO – XVII JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE**

**27 de julho de 2002**

Queridos Jovens

1. Quando, em 1985, quis dar início às Jornadas Mundiais da Juventude, pensei nas palavras do Apóstolo João, que ouvimos nesta noite: "O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam acerca do Verbo da vida... isso vos anunciamos" (1 Jo 1, 1.3). E imaginei as Jornadas Mundiais da Juventude como um momento forte em que os jovens do mundo pudessem aprender dele a ser os evangelizadores dos outros jovens.

Nesta noite, juntamente convosco, louvo a Deus e dou-lhe graças pelas dádivas derramadas sobre a Igreja através das Jornadas Mundiais da Juventude. Milhões de jovens participaram nas mesmas tornando-se, por conseguinte, testemunhas cristãs melhor e mais comprometidas. Estou-vos particularmente grato a vós, que respondestes ao meu convite para vir aqui a Toronto, em ordem a "proclamar a todo o mundo a vossa alegria por terdes encontrado Cristo Jesus, o vosso desejo de conhecê-lo cada vez melhor, o vosso compromisso de anunciar o Evangelho de salvação até ao últimos confins da terra!" (Mensagem para a XVII Jornada Mundial da Juventude, 25 de Julho de 2001, n. 5).

2. O novo milênio começou com dois cenários contrastantes:  um, a visão de multidões de peregrinos que foram a Roma durante o Grande Jubileu para passar pela Porta Santa, que é Cristo, nosso Salvador e Redentor do homem; e o outro, o terrível ataque terrorista em Nova Iorque, imagem esta que constitui uma espécie de representação de um mundo em que a hostilidade e o ódio parecem prevalecer.

A questão que se levanta é dramática: sobre que fundamentos devemos edificar a nova era histórica, que está a nascer das grandiosas transformações do século XX? É suficiente confiar na revolução tecnológica, hoje em ato, que parece respeitar unicamente os critérios da produtividade e da eficácia, sem fazer referência à dimensão espiritual do indivíduo ou a quaisquer valores éticos universalmente compartilhados? É justo contentar-se com respostas provisórias aos problemas de fundo, abandonando a vida aos impulsos do instinto, às sensações  efêmeras  ou  aos  entusiasmos passageiros?

Esta interrogação volta a ressoar: sobre que fundamentos e que certezas deveremos edificar as nossas vidas e a existência  da  comunidade  a  que  pertencemos?

3. Queridos Amigos, espontaneamente nos vossos corações, no entusiasmo dos vossos anos juvenis, vós conheceis a resposta [a esta interrogação], e estais a manifestá-la através da vossa presença aqui nesta noite:  somente Cristo é a pedra angular sobre a qual é possível construir solidamente o edifício da própria existência. Somente Cristo conhecido, contemplado e amado é o amigo fiel que jamais nos desilude, que se torna o nosso companheiro de viagem, e cujas palavras aquecem o nosso coração (cf. Lc 24, 13-35).

O século XX procurou, com frequência, subsistir sem esta pedra angular, tentando construir a cidade do homem sem Lhe fazer referência. Na realidade, terminou por edificar uma cidade contra o homem! Os cristãos sabem que não é possível rejeitar ou ignorar Deus, sem diminuir o homem.

4. A expectativa que a humanidade alimenta, no meio de tantas injustiças e sofrimentos é a de uma nova civilização, caracterizada pela liberdade e pela paz. Contudo, para realizar este empreendimento, é necessária uma nova geração de construtores que, animados não pelo medo ou pela violência, mas pela urgência de um amor autêntico, saibam pôr uma pedra sobre a outra em ordem a edificar, na cidade dos homens, a cidade de Deus.

Estimados jovens, permiti-me confiar-vos a minha esperança: sois vós que deveis tornar-vos estes "construtores". Vós sois os homens e as mulheres do futuro; o porvir está nos vossos corações e nas vossas mãos. É a vós que Deus confia a tarefa, difícil mas exaltante, de colaborar com Ele em ordem a edificar a civilização do amor.

5. Na primeira Carta de João o Apóstolo mais jovem e, talvez, por isso mais amado pelo Senhor ouvimos que "Deus é a luz e que nele não existem trevas" (cf. 1 Jo 1, 5). Entretanto observa João ninguém jamais viu a Deus. É Jesus, o Filho único do Pai, que o revelou a nós (cf. Jo 1, 18). Todavia, se Jesus revelou Deus, Ele revelou a luz. Com efeito, juntamente com Cristo, veio ao mundo "a verdadeira luz que a todo o homem ilumina" (Jo 1, 9).

Caros jovens, deixai-vos atrair pela luz de Cristo e espalhai-a nos ambientes em que viveis! "A luz do olhar de Jesus como está escrito no Catecismo da Igreja Católica ilumina os olhos do nosso coração; ensina-nos a ver tudo à luz da sua verdade e da sua compaixão para com todos os homens" (n. 2715).

Na medida em que a vossa amizade com Cristo, o vosso conhecimento do seu mistério e a vossa entrega pessoal a Ele forem autênticos e profundos, vós sereis "filhos da luz" e tornar-vos-eis, por vossa vez, "luz do mundo". Por isso, reitero-vos a palavra do Evangelho:  "Brilhe a vossa luz diante dos homens de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem vosso Pai, que está nos céus" (Mt 5, 16).

Nesta noite, juntamente convosco, jovens dos diferentes Continentes, o Papa volta a confirmar a fé que sustenta a vida da Igreja:  Cristo é a luz das nações; Ele morreu e ressuscitou para dar de novo aos homens, que caminham na história, a esperança da eternidade. O seu Evangelho não humilha o que é humano:  todo o valor autêntico, qualquer que seja a cultura em que se manifeste, é acolhido e assumido por Cristo. Consciente disto, o cristão não pode deixar de sentir vibrar em si mesmo o orgulho e a responsabilidade de ser testemunha da luz do Evangelho.

Este é o motivo pelo qual, nesta noite, vos digo: fazei resplandecer a luz de Cristo nas vossas vidas! Não espereis por ser mais idosos, para vos empenhardes no caminho da santidade! A santidade é sempre jovem, como eterna é a juventude de Deus.

Fazei com que todos conheçam a beleza do encontro com Deus, que dá sentido à vossa existência. Não hesiteis na busca da justiça, da promoção da paz e do compromisso em ordem à fraternidade e à solidariedade.

Como é bonito o cântico que ressoa nestes dias:

"Luz do mundo! Sal da terra!  Sede para o mundo o rosto do amor!  Sede para a terra o reflexo da luz!".

Este é o dom mais belo e mais precioso que poderíeis oferecer à Igreja e ao mundo. E vós bem sabeis que o Papa vos acompanha com a sua oração e a sua Bênção cheia de afeto.

7. Meus diletos jovens amigos, agradeço-vos a vossa presença em Toronto, em Wadowice e onde quer que estejais espiritualmente unidos aos jovens do mundo, que vivem a sua XVII Jornada Mundial da Juventude. Quero garantir-vos que vos abraço a cada um sem cessar, com o coração e a oração, pedindo a Deus que possais ser o sal da terra e a luz do mundo, agora e quando fordes adultos. Deus vos abençoe!

No final do discurso, depois de ter concedido a Bênção apostólica a todos os fiéis e peregrinos ali presentes, o Santo Padre disse ainda:

Sois todos convidados para amanhã de manhã. Bom repouso!

Boa noite, Deus vos abençoe sempre. Boa noite!

1. **DISCURSO DO PAPA BENTO XVI**

**ENCONTRO COM OS JOVENS NA CRACÓVIA**

**27 de maio de 2006**

Queridos amigos jovens

Dou-vos as minhas cordiais boas-vindas! A vossa presença enche-me de alegria. Estou grato ao Senhor por este encontro com o entusiasmo da vossa cordialidade. Sabemos que "onde dois ou três estão reunidos em nome de Jesus, Ele está no meio deles" (cf. Mt 18, 20). Mas hoje aqui sois muito mais numerosos! Agradeço a cada um e a cada uma de vós. Por conseguinte, Jesus encontra-se aqui conosco. Ele está presente entre os jovens da terra polaca, para falar de uma casa, que jamais desmoronará, porque está edificada sobre a rocha. Esta é a palavra evangélica que acabamos de ouvir (cf. Mt 7, 24-27).

No coração de cada homem existe, meus amigos, o desejo de uma casa. Ainda mais num coração jovem, há o grande anseio pela própria casa, que seja sólida, aonde não só se possa voltar com alegria, mas também onde com júbilo se possa receber cada hóspede que chegar. É a saudade de uma casa em que o pão quotidiano seja o amor, o perdão, a necessidade de compreensão, em que a verdade seja a fonte da qual brota a paz do coração. É a nostalgia de uma casa da qual se possa sentir orgulho, de que não se deva envergonhar e cujo desmoronamento nunca seja preciso chorar.

Esta saudade não é senão o desejo de uma vida plena, feliz, bem sucedida. Não tenhais medo desta aspiração. Não a rejeiteis! Não desanimeis ao ver casas desabadas, desejos malogrados, saudades dissipadas. Deus Criador, que infunde num jovem coração o imenso desejo da felicidade, jamais o abandona na cansativa construção daquela casa que se chama vida.

Meus amigos, impõe-se uma interrogação: "Como construir esta casa?". É uma pergunta que, sem dúvida, já surgiu com frequência no vosso coração e que ainda há de voltar muitas vezes. Trata-se de uma interrogação que é necessário levantar não somente uma vez. Ela deve estar todos os dias diante dos olhos do coração: como construir a casa chamada vida? Jesus, cujas palavras pudemos ouvir na redação do evangelista Mateus, exorta-nos a construir na rocha. Efetivamente, só assim a casa não desabará. Mas o que significa construir a casa sobre a rocha? Edificar sobre a rocha quer dizer em primeiro lugar: construir sobre Cristo e com Cristo. Jesus diz: "Todo aquele que escuta estas minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha" (Mt 7, 24). Aqui, não se trata de palavras vazias, proferidas por uma pessoa qualquer, mas das palavras de Jesus. Não significa ouvir uma pessoa qualquer, mas ouvir Jesus. Não se trata de realizar aqui uma coisa qualquer, mas sim de cumprir as palavras de Jesus.

Construir sobre Cristo e com Cristo significa edificar sobre um fundamento que se chama amor crucificado. Quer dizer construir com Alguém que, conhecendo-nos mais do que nós mesmos, nos diz: "És precioso aos meus olhos... te estimo e te amo" (Is 43, 4). Quer dizer construir com Alguém que é sempre fiel, não obstante nós faltemos à fidelidade, porque ele não pode renegar-se a si mesmo (cf. 2 Tm 2, 13). Significa edificar com Alguém que se debruça constantemente sobre o coração ferido do homem e diz: "Não te condeno. Vai, e doravante não tornes a pecar" (Jo 8, 11). Quer dizer construir com Alguém, que do alto da cruz estende os seus braços, para repetir por toda a eternidade: "Entrego a minha vida por ti, homem, porque te amo". Enfim, construir sobre Cristo quer dizer fundamentar na sua vontade todas as aspirações pessoais, as expectativas, os sonhos, as ambições e todos os seus projetos. Significa dizer a si mesmo, à própria família, aos próprios amigos e ao mundo inteiro, mas sobretudo a Cristo: "Senhor, na minha vida nada quero fazer contra ti, porque Tu sabes o que é melhor para mim. Tu tens palavras de vida eterna" (cf. Jo 6, 68). Meus amigos, não tenhais medo de apostar em Cristo! Tende saudades de Cristo, como fundamento da vida! Inflamai em vós o desejo de construir a vossa própria vida com Ele e por Ele! Porque não pode perder aquele que aposta tudo no amor crucificado do Verbo encarnado.

Edificar sobre a rocha significa em Cristo e com Cristo, que é a rocha. Na primeira Leitura aos Coríntios, São Paulo, falando do caminho do povo eleito através do deserto, explica que "todos beberam... de um rochedo espiritual que os seguia, e este rochedo era Cristo" (1 Cor 10, 4). Sem dúvida, os pais do povo eleito não sabiam que esta rocha era Cristo. Não estavam conscientes de que eram acompanhados por Aquele que, quando chegasse a plenitude dos tempos, teria encarnado, assumindo um corpo humano. Não tinham necessidade de compreender que a sua sede seria saciada pela própria Fonte da vida, capaz de oferecer água viva para satisfazer todos os corações. No entanto, eles beberam do rochedo espiritual que é Cristo, porque tinham saudades, tinham necessidade da água da vida. A caminho pelas sendas da vida, talvez por vezes não estejamos conscientes da presença de Jesus. Mas precisamente esta presença, viva e fiel, a presença na obra da criação, a presença na Palavra de Deus e na Eucaristia, na comunidade dos fiéis e em cada homem remido pelo precioso Sangue de Cristo, esta presença é o manancial inesgotável da força humana. Jesus de Nazaré, Deus que se fez Homem, encontra-se ao nosso lado na boa e na má sorte, e tem sede deste vínculo, que na realidade constitui o fundamento da humanidade autêntica. No Apocalipse, podemos ler estas significativas palavras: "Olha que Eu estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, Eu entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo" (Ap 3, 20).

Meus amigos, o que quer dizer construir sobre a rocha? Edificar no rochedo significa também construir sobre Alguém que foi rejeitado. São Pedro fala aos seus fiéis de Cristo como de uma "pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus" (1 Pd 2, 4). O fato inegável da eleição de Jesus por parte de Deus não oculta o mistério do mal, em virtude do qual o homem é capaz de rejeitar Aquele que o amou até ao fim. Esta negação de Jesus por parte dos homens, mencionada por São Pedro, prolonga-se na história da humanidade e chega até aos nossos dias. Não é necessária uma grande perspicácia de mente para vislumbrar as múltiplas manifestações da rejeição de Jesus, mesmo lá onde Deus nos concedeu crescer. Muitas vezes Jesus é ignorado, escarnecido, proclamado rei do passado mas não do presente e ainda menos do futuro, é marginalizado no âmbito de questões e de pessoas das quais não se deveria falar em voz alta e em público. Se na construção da casa da vossa vida vós encontrais aqueles que desprezam o fundamento sobre o qual estais a edificar, não desanimeis! Uma fé vigorosa deve atravessar certas provações. Uma fé viva deve crescer sempre. Para permanecer assim, a nossa fé em Jesus Cristo há de confrontar-se frequentemente com a falta de fé dos outros.

Amados amigos, o que quer dizer edificar sobre o rochedo? Construir sobre a rocha significa estar consciente de que haverá contrariedades. Cristo afirma: "Caiu a chuva, engrossaram os rios e sopraram os ventos contra aquela casa..." (Mt 7, 25). Estes fenômenos naturais não são apenas a imagem das múltiplas contrariedades da sorte humana, mas indicam também a normal previsibilidade. Cristo não promete que numa casa em construção jamais cairá um aguaceiro, mas promete que uma onda impetuosa não abalará aquilo que para nós é mais querido; não promete que ventos violentos não levarão o que conseguimos construir, às vezes à custa de sacrifícios enormes. Cristo compreende não só a aspiração do homem a uma casa duradoura, mas está também plenamente consciente de tudo o que pode reduzir em ruínas a felicidade do homem.

Portanto, não vos assusteis com as contrariedades, quaisquer que sejam. Não permitais que elas vos desanimem! Um edifício construído sobre o rochedo não equivale a uma construção subtraída à influência das forças naturais, inscritas no mistério do homem. Edificar sobre a rocha significa poder contar com a consciência de que nos momentos difíceis existe uma força segura em que confiar.

Meus amigos, permiti-me insistir: o que quer dizer construir sobre o rochedo? Significa edificar com sabedoria. Não é sem motivo que Jesus compara aquele que escuta as suas palavras e as põe em prática, com um homem sábio que edificou a sua casa sobre a rocha. Com efeito, é insensato construir na areia, quando se pode edificar sobre o rochedo, dispondo deste modo de uma casa capaz de resistir a todas as tempestades. É insensato construir a própria casa num terreno que não oferece garantias de resistência nos momentos mais difíceis. Talvez seja até mais fácil fundamentar a própria vida sobre as areias movediças da visão pessoal do mundo, construir o próprio futuro distante da palavra de Jesus e por vezes até mesmo contra ela. Todavia, resta o fato de que aquele que edifica deste modo não é prudente, porque deseja persuadir-se a si mesmo e aos outros, de que na sua vida não se desencadeará qualquer tempestade, que nenhuma onda se abaterá sobre a sua casa. Ser sábio significa saber que a solidez da casa depende da escolha do fundamento. Não tenhais medo de ser sábios, isto é, não tenhais medo de construir sobre o rochedo!

Meus amigos, uma vez mais: o que significa construir sobre a rocha? Edificar sobre a rocha quer dizer também edificar sobre Pedro e com Pedro. Com efeito, o Senhor diz: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela" (Mt 16, 18). Se Cristo, a Rocha, a Pedra viva e preciosa, chama ao seu Apóstolo pedra; isto significa que ele quer que Pedro e, juntamente com ele, a Igreja inteira sejam um sinal visível do único Salvador e Senhor. Aqui em Cracóvia, a cidade preferida do meu Predecessor João Paulo II, as palavras sobre a construção com Pedro e sobre Pedro certamente não espantam ninguém. Por isso, digo-vos: não tenhais medo de construir a vossa vida na Igreja e com a Igreja! Sede orgulhosos do amor a Pedro e à Igreja que lhe foi confiada. Não vos deixeis enganar por aqueles que desejam opor Cristo à Igreja! Só existe um rochedo sobre o qual vale a pena construir a própria casa. Esta rocha é Cristo. Só há uma pedra sobre a qual vale a pena fundamentar tudo. Esta pedra é aquele a quem Cristo disse: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja" (Mt 16, 18). Vós, jovens, conhecestes bem o Pedro dos nossos tempos. Por isso, não vos esqueçais que nem aquele Pedro que da janela de Deus Pai está a observar o nosso encontro, nem este Pedro que agora se encontra diante de vós, nem qualquer Pedro sucessivo jamais será contra vós, nem contra a construção de uma casa duradoura sobre o rochedo. Ao contrário, ele há de empenhar o seu coração e ambas as suas mãos para vos ajudar a edificar a vossa vida sobre Cristo e com Cristo.

Queridos amigos, meditando as palavras de Cristo acerca da rocha como fundamento adequado para a casa, não podemos deixar de relevar que a última palavra é uma palavra de esperança. Jesus afirma que, não obstante o desencadear-se dos elementos, a casa não ruiu, porque estava assente sobre a rocha. Nestas suas palavras há uma extraordinária confiança na força do fundamento, a fé que não teme contradições, porque é confirmada pela morte e a ressurreição de Cristo. Esta é a fé que, depois de muitos anos, será professada por São Pedro na sua própria carta: "Eis que ponho em Sião uma pedra angular, escolhida, preciosa; quem nela crer não será confundido" (1 Pd 2, 6). Sem dúvida, "não será confundido...". Estimados jovens amigos, por vezes o temor do mau êxito pode impedir mesmo os sonhos mais bonitos. Pode paralisar a vontade e tornar o homem incapaz de acreditar que possa existir uma casa edificada sobre o rochedo. Pode persuadir que a saudade da casa é apenas uma aspiração juvenil, e não um projeto para a vida inteira. Juntamente com Jesus, dizei a este medo: "Não pode ruir uma casa fundamentada sobre a rocha!". Juntamente com São Pedro, dizei à tentação da dúvida: "Quem crer em Cristo não será confundido!". Sede testemunhas da esperança, daquela esperança que não teme construir a casa da própria vida, porque sabe muito bem que pode contar com o fundamento, que jamais será abalado: nosso Senhor Jesus Cristo.

1. **DISCURSO DO PAPA BENTO XVI**

**ENCONTRO COM OS JOVENS EM SÃO PAULO**

**10 de maio de 2007**

Queridos jovens! Queridos amigos e amigas!

«Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá o dinheiro aos pobres [...] Depois, vem e segue-me» (Mt 19,21).

1. Desejei ardentemente encontrar-me convosco nesta minha primeira viagem à América Latina. Vim para abrir a V Conferência do Episcopado Latino-americano que, por meu desejo, vai realizar-se em Aparecida, aqui no Brasil, no Santuário de Nossa Senhora. Ela nos coloca aos pés de Jesus para aprendermos suas lições sobre o Reino e impulsionar-nos a ser seus missionários, para que os povos deste "Continente da Esperança" tenham, n’Ele, vida plena.

Os vossos Bispos do Brasil, na sua Assembleia Geral do ano passado, refletiram sobre o tema da evangelização da juventude e colocaram em vossas mãos um documento. Pediram que fosse acolhido e aperfeiçoado por vós durante todo o ano. Nesta última Assembleia retomaram o assunto, enriquecido com vossa colaboração, e desejam que as reflexões feitas e as orientações propostas sirvam como incentivo e farol para vossa caminhada. As palavras do Arcebispo de São Paulo e do encarregado da Pastoral da Juventude, as quais agradeço, bem atestam o espírito que move a todos vocês.

Ontem pela tarde, ao sobrevoar o território brasileiro, pensava já neste nosso encontro no Estádio do Pacaembu, com o desejo de dar um grande abraço bem brasileiro a todos vós, e manifestar os sentimentos que levo no íntimo do coração e que, bem a propósito, o Evangelho de hoje nos quis indicar.

Sempre experimentei uma alegria muito especial nestes encontros. Lembro-me particularmente da Vigésima Jornada Mundial da Juventude, que tive a ocasião de presidir há dois anos atrás na Alemanha. Alguns dos que estão aqui também lá estiveram! É uma lembrança comovedora, pelos abundantes frutos da graça enviados pelo Senhor. E não resta a menor dúvida que o primeiro fruto, dentre muitos, que pude constatar foi o da fraternidade exemplar havida entre todos, como demonstração evidente da perene vitalidade da Igreja por todo o mundo.

2. Pois bem, caros amigos, estou certo de que hoje se renovam as mesmas impressões daquele meu encontro na Alemanha. Em 1991, o Servo de Deus o Papa João Paulo II, de venerada memória, dizia, na sua passagem pelo Mato Grosso, que os "jovens são os primeiros protagonistas do terceiro milênio [...] são vocês que vão traçar os rumos desta nova etapa da humanidade" (Discurso 16/10/1991). Hoje, sinto-me movido a fazer-lhes idêntica observação.

O Senhor aprecia, sem dúvida, vossa vivência cristã nas numerosas comunidades paroquiais e nas pequenas comunidades eclesiais, nas Universidades, Colégios e Escolas e, especialmente, nas ruas e nos ambientes de trabalho das cidades e dos campos. Trata-se, porém, de ir adiante. Nunca podemos dizer basta, pois a caridade de Deus é infinita e o Senhor nos pede, ou melhor, nos exige dilatar nossos corações para que neles caiba sempre mais amor, mais bondade, mais compreensão pelos nossos semelhantes e pelos problemas que envolvem não só a convivência humana, mas também a efetiva preservação e conservação da natureza, da qual todos fazem parte. "Nossos bosques têm mais vida": não deixeis que se apague esta chama de esperança que o vosso Hino Nacional põe em vossos lábios. A devastação ambiental da Amazônia e as ameaças à dignidade humana de suas populações requerem um maior compromisso nos mais diversos espaços de ação que a sociedade vem solicitando.

3. Hoje quero convosco refletir sobre o texto de São Mateus (19, 16-22), que acabamos de ouvir. Fala de um jovem. Ele veio correndo ao encontro de Jesus. Merece destaque a sua ânsia. Neste jovem vejo a todos vós, jovens do Brasil e da América Latina. Viestes correndo de diversas regiões deste Continente para nosso encontro. Quereis ouvir, pela voz do Papa, as palavras do próprio Jesus.

Tendes uma pergunta crucial, referida no Evangelho, a Lhe fazer. É a mesma do jovem que veio correndo ao encontro com Jesus: o que fazer para alcançar a vida eterna? Gostaria de aprofundar convosco esta pergunta. Trata-se da vida. A vida que, em vós, é exuberante e bela. O que fazer dela? Como vivê-la plenamente?

Logo entendemos, na formulação da própria pergunta, que não basta o aqui e agora, ou seja, nós não conseguimos delimitar nossa vida ao espaço e ao tempo, por mais que pretendamos estender seus horizontes. A vida os transcende. Em outras palavras, queremos viver e não morrer. Sentimos que algo nos revela que a vida é eterna e que é necessário empenhar-se para que isto aconteça. Em outras palavras, ela está em nossas mãos e depende, de algum modo, da nossa decisão.

A pergunta do Evangelho não contempla apenas o futuro. Não trata apenas de uma questão sobre o que acontecerá após a morte. Há, ao contrário, um compromisso com o presente, aqui e agora, que deve garantir autenticidade e consequentemente o futuro. Numa palavra, a pergunta questiona o sentido da vida. Pode por isso ser formulada assim: que devo fazer para que minha vida tenha sentido? Ou seja: como devo viver para colher plenamente os frutos da vida? Ou ainda: que devo fazer para que minha vida não transcorra inutilmente?

Jesus é o único capaz de nos dar uma resposta, porque é o único que nos pode garantir vida eterna. Por isso também é o único que consegue mostrar o sentido da vida presente e dar-lhe um conteúdo de plenitude.

4. Antes, porém, de dar sua resposta, Jesus questiona a pergunta do jovem num aspecto muito importante: por que me chamas de bom? Nesta pergunta se encontra a chave da resposta. Aquele jovem percebeu que Jesus é bom e que é mestre. Um mestre que não engana. Nós estamos aqui porque temos esta mesma convicção: Jesus é bom. Podemos não saber dar toda a razão desta percepção, mas é certo que ela nos aproxima dele e nos abre ao seu ensinamento: um mestre bom. Quem reconhece o bem é sinal que ama. E quem ama, na feliz expressão de São João, conhece Deus (cf.1Jo 4,7). O jovem do Evangelho teve uma percepção de Deus em Jesus Cristo.

Jesus nos garante que só Deus é bom. Estar aberto à bondade significa acolher Deus. Assim Ele nos convida a ver Deus em todas as coisas e em todos os acontecimentos, mesmo lá onde a maioria só vê a ausência de Deus. Vendo a beleza das criaturas e constatando a bondade presente em todas elas, é impossível não crer em Deus e não fazer uma experiência de sua presença salvífica e consoladora. Se nós conseguíssemos ver todo o bem que existe no mundo e, ainda mais, experimentar o bem que provém do próprio Deus, não cessaríamos jamais de nos aproximar dele, de O louvar e Lhe agradecer. Ele continuamente nos enche de alegria e de bens. Sua alegria é nossa força.

Mas nós não conhecemos senão de forma parcial. Para perceber o bem necessitamos de auxílios, que a Igreja nos proporciona em muitas oportunidades, principalmente pela catequese. Jesus mesmo explicita o que é bom para nós, dando-nos sua primeira catequese. «Se queres entrar na vida, observa os mandamentos» (Mt 19,17). Ele parte do conhecimento que o jovem já obteve certamente de sua família e da Sinagoga: de fato, ele conhece os mandamentos. Eles conduzem à vida, o que equivale a dizer que eles nos garantem autenticidade. São as grandes balizas a nos apontarem o caminho certo. Quem observa os mandamentos está no caminho de Deus.

Não basta conhecê-los. O testemunho vale mais que a ciência, ou seja, é a própria ciência aplicada. Não são impostos de fora, nem diminuem nossa liberdade. Pelo contrário: constituem impulsos internos vigorosos, que nos levam a agir nesta direção. Na sua base está a graça e a natureza, que não nos deixam parados. Precisamos caminhar. Somos impelidos a fazer algo para nos realizarmos a nós mesmos. Realizar-se, através da ação, na verdade, é tornar-se real. Nós somos, em grande parte, a partir de nossa juventude, o que nós queremos ser. Somos, por assim dizer, obra de nossas mãos.

5. Nesta altura volto-me, de novo, para vós, jovens, querendo ouvir também de vós a resposta do jovem do Evangelho: tudo isto tenho observado desde a minha juventude. O jovem do Evangelho era bom. Observava os mandamentos. Estava pois no caminho de Deus. Por isso Jesus fitou-o com amor. Ao reconhecer que Jesus era bom, testemunhou que também ele era bom. Tinha uma experiência da bondade e por isso, de Deus. E vós, jovens do Brasil e da América Latina? Já descobristes o que é bom? Seguis os mandamentos do Senhor? Descobristes que este é o verdadeiro e único caminho para a felicidade?

Os anos que vós estais vivendo são os anos que preparam o vosso futuro. O "amanhã" depende muito de como estais vivendo o "hoje" da juventude. Diante dos olhos, meus queridos jovens, tendes uma vida que desejamos seja longa; mas é uma só, é única: não a deixeis passar em vão, não a desperdiceis. Vivei com entusiasmo, com alegria, mas, sobretudo, com senso de responsabilidade.

Muitas vezes sentimos trepidar nossos corações de pastores, constatando a situação de nosso tempo. Ouvimos falar dos medos da juventude de hoje. Revelam-nos um enorme déficit de esperança: medo de morrer, num momento em que a vida está desabrochando e procura encontrar o próprio caminho da realização; medo de sobrar, por não descobrir o sentido da vida; e medo de ficar desconectado diante da estonteante rapidez dos acontecimentos e das comunicações. Registramos o alto índice de mortes entre os jovens, a ameaça da violência, a deplorável proliferação das drogas que sacode até a raiz mais profunda a juventude de hoje. Fala-se por isso, seguidamente, de uma juventude perdida.

Mas olhando para vós, jovens aqui presentes, que irradiais alegria e entusiasmo, assumo o olhar de Jesus: um olhar de amor e confiança, na certeza de que vós encontrastes o verdadeiro caminho. Sois jovens da Igreja. Por isso Eu vos envio para a grande missão de evangelizar os jovens e as jovens, que andam por este mundo errantes, como ovelhas sem pastor. Sede os apóstolos dos jovens. Convidai-os para que venham convosco, façam a mesma experiência de fé, de esperança e de amor; encontrem-se com Jesus, para se sentirem realmente amados, acolhidos, com plena possibilidade de realizar-se. Que também eles e elas descubram os caminhos seguros dos Mandamentos e por eles cheguem até Deus.

Podeis ser protagonistas de uma sociedade nova se procurais pôr em prática uma vivência real inspirada nos valores morais universais, mas também um empenho pessoal de formação humana e espiritual de vital importância. Um homem ou uma mulher despreparados para os desafios reais de uma correta interpretação da vida cristã do seu meio ambiente será presa fácil a todos os assaltos do materialismo e do laicismo, sempre mais atuantes em todos os níveis.

Sede homens e mulheres livres e responsáveis; fazei da família um foco irradiador de paz e de alegria; sede promotores da vida, do início ao seu natural declínio; amparai os anciãos, pois eles merecem respeito e admiração pelo bem que vos fizeram. O Papa também espera que os jovens procurem santificar seu trabalho, fazendo-o com competência técnica e com laboriosidade, para contribuir ao progresso de todos os seus irmãos e para iluminar com a luz do Verbo todas as atividades humanas (cf. Lumen Gentium, n. 36). Mas, sobretudo, o Papa espera que saibam ser protagonistas de uma sociedade mais justa e mais fraterna, cumprindo as obrigações frente ao Estado: respeitando as suas leis; não se deixando levar pelo ódio e pela violência; sendo exemplo de conduta cristã no ambiente profissional e social, distinguindo-se pela honestidade nas relações sociais e profissionais. Tenham em conta que a ambição desmedida de riqueza e de poder leva à corrupção pessoal e alheia; não existem motivos para fazer prevalecer as próprias aspirações humanas, sejam elas econômicas ou políticas, com a fraude e o engano.

Definitivamente, existe um imenso panorama de ação no qual as questões de ordem social, econômica e política ganham um particular relevo, sempre que haurirem sua fonte de inspiração no Evangelho e na Doutrina Social da Igreja. A construção de uma sociedade mais justa e solidária, reconciliada e pacífica; a contenção da violência e as iniciativas que promovam a vida plena, a ordem democrática e o bem comum e, especialmente, aquelas que visem eliminar certas discriminações existentes nas sociedades latino-americanas e não são motivo de exclusão, mas de recíproco enriquecimento.

Tende, sobretudo, um grande respeito pela instituição do Sacramento do Matrimônio. Não poderá haver verdadeira felicidade nos lares se, ao mesmo tempo, não houver fidelidade entre os esposos. O matrimônio é uma instituição de direito natural, que foi elevado por Cristo à dignidade de Sacramento; é um grande dom que Deus fez à humanidade. Respeitai-o, venerai-o. Ao mesmo tempo, Deus vos chama a respeitar-vos também no namoro e no noivado, pois a vida conjugal que, por disposição divina, está destinada aos casados é somente fonte de felicidade e de paz na medida em que souberdes fazer da castidade, dentro e fora do matrimônio, um baluarte das vossas esperanças futuras. Repito aqui para todos vós que «o Eros quer nos conduzir para além de nós próprios, para Deus, mas por isso mesmo requer um caminho de ascese, renúncias, purificações e saneamentos» (Carta encl. Deus caritas est, (25/12/2005), n. 5). Em poucas palavras, requer espírito de sacrifício e de renúncia por um bem maior, que é precisamente o amor de Deus sobre todas as coisas. Procurai resistir com fortaleza às insídias do mal existente em muitos ambientes, que vos leva a uma vida dissoluta, paradoxalmente vazia, ao fazer perder o bem precioso da vossa liberdade e da vossa verdadeira felicidade. O amor verdadeiro "procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais dele, doar-se-á e desejará existir para o outro" (Ib. n. 7) e, por isso, será sempre mais fiel, indissolúvel e fecundo.

Para isso, contais com a ajuda de Jesus Cristo que, com a sua graça, fará isto possível (cf. Mt 19,26). A vida de fé e de oração vos conduzirá pelos caminhos da intimidade com Deus, e de compreensão da grandeza dos planos que Ele tem para cada um. "Por amor do reino dos céus" (ib., 12), alguns são chamados a uma entrega total e definitiva, para consagrar-se a Deus na vida religiosa, "exímio dom da graça", como foi definido pelo Concílio Vaticano II (Decr. Perfectae caritatis, n.12). Os consagrados que se entregam totalmente a Deus, sob a moção do Espírito Santo, participam na missão de Igreja, testemunhando a esperança no Reino celeste entre todos os homens. Por isso, abençoo e invoco a proteção divina a todos os religiosos que dentro da seara do Senhor se dedicam a Cristo e aos irmãos. As pessoas consagradas merecem, verdadeiramente, a gratidão da comunidade eclesial: monges e monjas, contemplativos e contemplativas, religiosos e religiosas dedicados às obras de apostolado, membros de institutos seculares e das sociedades de vida apostólica, eremitas e virgens consagradas. "A sua existência dá testemunho do amor a Cristo quando eles se encaminham pelo seu seguimento, tal como este se propõe no Evangelho e, com íntima alegria, assumem o mesmo estilo de vida que Ele escolheu para Si" (Congr. para os Inst. de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: Instr. Partir de Cristo, n. 5). Faço votos de que, neste momento de graça e de profunda comunhão em Cristo, o Espírito Santo desperte no coração de tantos jovens um amor apaixonado no seguimento e imitação de Jesus Cristo casto, pobre e obediente, voltado completamente à glória do Pai e ao amor dos irmãos e irmãs.

6. O Evangelho nos assegura que aquele jovem, que veio correndo ao encontro de Jesus, era muito rico. Entendemos esta riqueza não apenas no plano material. A própria juventude é uma riqueza singular. É preciso descobri-la e valorizá-la. Jesus lhe deu tal valor que convidou esse jovem para participar de sua missão de salvação. Tinha todas as condições para uma grande realização e uma grande obra.

Mas o Evangelho nos refere que esse jovem se entristeceu com o convite. Foi embora abatido e triste. Este episódio nos faz refletir mais uma vez sobre a riqueza da juventude. Não se trata, em primeiro lugar, de bens materiais, mas da própria vida, com os valores inerentes à juventude. Provém de uma dupla herança: a vida, transmitida de geração em geração, em cuja origem primeira está Deus, cheio de sabedoria e de amor; e a educação que nos insere na cultura, a tal ponto que, em certo sentido, podemos dizer que somos mais filhos da cultura e por isso da fé, do que da natureza. Da vida brota a liberdade que, sobretudo nesta fase se manifesta como responsabilidade. E o grande momento da decisão, numa dupla opção: uma quanto ao estado de vida e outra quanto à profissão. Responde à questão: que fazer com a vida?

Em outras palavras, a juventude se afigura como uma riqueza porque leva à descoberta da vida como um dom e como uma tarefa. O jovem do Evangelho percebeu a riqueza de sua juventude. Foi até Jesus, o Bom Mestre, para buscar uma orientação. Mas na hora da grande opção não teve coragem de apostar tudo em Jesus Cristo. Consequentemente saiu dali triste e abatido. É o que acontece todas as vezes que nossas decisões fraquejam e se tornam mesquinhas e interesseiras. Sentiu que faltou generosidade, o que não lhe permitiu uma realização plena. Fechou-se sobre sua riqueza, tornando-a egoísta.

Jesus ressentiu-se com a tristeza e a mesquinhez do jovem que o viera procurar. Os Apóstolos, como todos e todas vós hoje, preenchem esta lacuna deixada por aquele jovem que se retirou triste e abatido. Eles e nós estamos alegres porque sabemos em quem acreditamos (2 Tim 1,12). Sabemos e testemunhamos com nossa própria vida que só Ele tem palavras de vida eterna (Jo 6,68). Por isso, com São Paulo, podemos exclamar: alegrai-vos sempre no Senhor (Fil 4,4).

7. Meu apelo de hoje, a vós jovens, que viestes a este encontro, é que não desperdiceis vossa juventude. Não tenteis fugir dela. Vivei-a intensamente. Consagrai-a aos elevados ideais da fé e da solidariedade humana.

Vós, jovens, não sois apenas o futuro da Igreja e da humanidade, como uma espécie de fuga do presente. Pelo contrário: vós sois o presente jovem da Igreja e da humanidade. Sois seu rosto jovem. A Igreja precisa de vós, como jovens, para manifestar ao mundo o rosto de Jesus Cristo, que se desenha na comunidade cristã. Sem o rosto jovem a Igreja se apresentaria desfigurada.

Queridos jovens, Cristo vos chama a serem santos. Ele mesmo vos convoca e quer andar convosco, para animar com Seu espírito os passos do Brasil neste início do terceiro milênio da era cristã. Peço à Senhora Aparecida que vos conduza, com seu auxílio materno e vos acompanhe ao longo da vida.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

1. **DISCURSO DO PAPA BENTO XVI**

**ENCONTRO COM OS JOVENS EM LUANDA**

**21 de março de 2009**

Queridos amigos!

Viestes em grande número – e representais aqui muitos mais unidos espiritualmente –, para encontrar o Sucessor de Pedro e, comigo, proclamar a todos a alegria de acreditar em Jesus Cristo e renovar o compromisso de ser seus discípulos fiéis neste nosso tempo. Análogo encontro teve lugar nesta mesma cidade, a 7 de Junho de 1992, com o amado Papa João Paulo II; com as feições um pouco diferentes mas o mesmo amor no coração, aqui tendes o atual Sucessor de Pedro, que vos abraça a todos em Jesus Cristo, que «é o mesmo ontem, hoje e para sempre» (Heb 13, 8).

Antes de mais nada, quero agradecer-vos por esta festa que me fazeis, por esta festa que sois, pela vossa presença e a vossa alegria. Dirijo uma saudação afetuosa aos venerados Irmãos no Episcopado e no Sacerdócio e aos vossos animadores. De coração agradeço e saúdo a quantos prepararam este Encontro e de modo particular à Comissão Episcopal da Juventude e Vocações com o seu presidente, Dom Kanda Almeida, a quem agradeço as cordiais boas-vindas que me dirigiu. Saúdo a todos os jovens, católicos e não católicos, à procura de uma resposta para os seus problemas, alguns dos quais certamente referidos pelos vossos representantes cujas palavras ouvi com gratidão. O abraço que lhes dei vale naturalmente para todos vós.

Encontrar os jovens faz bem a todos! Talvez tenham tantas dificuldades, mas trazem consigo tanta esperança, tanto entusiasmo e tanta vontade de recomeçar. Jovens amigos, guardais dentro de vós próprios a dinâmica do futuro. Convido-vos a olhá-lo com os olhos do apóstolo João: «Vi um novo céu e uma nova terra (…) e também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da presença de Deus, bela como noiva adornada para o seu esposo. E do trono ouvi uma voz forte que dizia: “Eis a morada de Deus com os homens”» (Ap 21, 1-3). Queridos amigos, Deus faz a diferença. Desde a serena intimidade entre Deus e o casal humano no jardim do Éden, passando pela glória divina que irradiava da Tenda da Reunião no meio do povo de Israel ao longo da sua travessia pelo deserto, até à encarnação do Filho de Deus que Se uniu indissoluvelmente ao homem em Jesus Cristo. Este mesmo Jesus retoma a travessia do deserto humano passando pela morte e chega à ressurreição, arrastando consigo toda a humanidade para Deus. Agora Jesus já não está confinado num espaço e tempo determinados, mas o seu Espírito – o Espírito Santo – emana d’Ele e entra nos nossos corações, unindo-nos assim com o próprio Jesus e com Ele ao Pai – com o Deus uno e trino.

Sim, meus caros amigos! Deus faz a diferença… Mais ainda! Deus faz-nos diferentes, faz-nos novos. Tal é a promessa que Ele mesmo nos faz: «Vou renovar todas as coisas» (Ap 21, 5). E é verdade! Diz-nos o apóstolo São Paulo: «Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo. Tudo isto vem de Deus, que por meio de Jesus Cristo nos reconciliou consigo» (2 Cor 5, 17-18). Tendo subido aos Céus e entrado na eternidade, Jesus Cristo ficou Senhor de todos os tempos. Por isso, Ele pode fazer-Se nosso companheiro no presente, e tem o livro dos nossos dias na sua mão: nela segura firmemente o passado, com as fontes e os alicerces do nosso ser; nela guarda ciosamente o futuro, deixando-nos vislumbrar a mais bela alvorada de toda a nossa vida que d’Ele irradia, ou seja, a ressurreição em Deus. O futuro da humanidade nova é Deus; antecipação inicial disso mesmo é a sua Igreja. Quando puderdes, lede com atenção a sua história: dar-vos-eis conta que a Igreja, com o passar dos anos, não envelhece; antes, torna-se cada vez mais jovem, porque caminha ao encontro do Senhor, aproximando-se cada vez mais da única e verdadeira fonte donde brota a juventude, a novidade, a regeneração, a força da vida.

Amigos que me escutais, o futuro é Deus. Como há pouco ouvimos, «Ele enxugará todas as lágrimas dos olhos; nunca mais haverá morte, nem luto, nem gemidos nem dor, porque o mundo antigo desapareceu» (Ap 21, 4). Entretanto, vejo aqui presentes alguns dos milhares de jovens angolanos mutilados em consequência da guerra e das minas, penso nas lágrimas sem conta que muitos de vós verteram pela perda dos familiares, e não é difícil imaginar as nuvens cinzentas que ainda cobrem o céu dos vossos sonhos melhores… E leio no vosso coração uma dúvida, que me lançais: «Isto temos. Aquilo que nos diz, não se vê. A promessa tem a garantia divina – e nós o cremos –, mas Deus, quando Se levantará para renovar todas as coisas?» A resposta de Jesus é a mesma que Ele deu aos seus discípulos: «Não se perturbe o vosso coração. Se acreditais em Deus, acreditai também em Mim. Em casa de meu Pai, há muitas moradas. Se assim não fosse, Eu vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar» (Jo 14, 1-2). Mas vós, queridos jovens, insistis: «De acordo! Mas quando sucederá isto?» A idêntica pergunta feita pelos apóstolos, Jesus respondeu: «Não vos compete saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a sua autoridade. Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós e sereis minhas testemunhas (…) até aos confins do mundo» (At 1, 7-8). Reparai que Jesus não nos deixa sem resposta; diz-nos claramente uma coisa: a renovação começa dentro; sereis dotados de uma força do Alto. A força dinâmica do futuro está dentro de vós.

Está dentro… como? Como a vida está dentro de uma semente: assim o explicou Jesus, numa hora crítica do seu ministério. Este começara com grande entusiasmo, pois a gente via os doentes curados, os demônios expulsos, o Evangelho anunciado; mas, quanto ao resto, o mundo continuava como antes: os romanos dominavam ainda; a vida era difícil no dia a dia, apesar destes sinais, destas lindas palavras. E o entusiasmo foi esmorecendo, até ao ponto de muitos discípulos abandonarem o Mestre (cf. Jo 6, 66), que pregava mas não mudava o mundo. E todos se interrogavam: Afinal que vale esta mensagem? Que traz este Profeta de Deus? Então Jesus falou de um semeador que semeia no campo do mundo, explicando que a semente é a sua Palavra (cf. Mc 4, 3-20), são as curas realizadas: verdadeiramente pouca coisa, se comparada com as enormes carências e “macas” (dificuldades) da realidade de todos os dias. E todavia na semente está presente o futuro, porque a semente traz em si o pão de amanhã, a vida de amanhã. A semente parece quase nada, mas é a presença do futuro, é promessa já presente hoje; quando cai em terra boa, frutifica trinta, sessenta e até cem vezes mais.

Meus amigos, vós sois uma semente lançada por Deus à terra, que traz no coração uma força do Alto, a força do Espírito Santo. Mas, para passar da promessa de vida ao fruto, o único caminho possível é dar a vida por amor, é morrer por amor. Foi o próprio Jesus que o disse: «Se a semente, caindo na terra, não morrer fica ela só; mas, se morrer, dá muito fruto. Quem ama a sua vida perdê-la-á, e quem neste mundo perde a sua vida conservá-la-á para a vida eterna» (cf. Jo 12, 24-25). Assim falou Jesus, e assim o fez: a sua crucifixão parece o falimento total, mas não! Jesus, animado pela força de «um Espírito eterno, ofereceu-Se a Si mesmo a Deus como vítima sem mancha» (Heb 9, 14). E deste modo, caindo em terra, Ele pôde dar fruto o tempo todo e em todos os tempos. E aí tendes o novo Pão, o Pão da vida futura, a Santíssima Eucaristia que nos alimenta e faz desabrochar a vida trinitária no coração dos homens.

Jovens amigos, sementes dotadas com a força do mesmo Espírito eterno, desabrochai ao calor da Eucaristia, onde se realiza o testamento do Senhor: Ele dá-Se a nós, e nós respondemos dando-nos aos outros por amor d’Ele. Tal é o caminho da vida; mas só o podereis percorrer graças a um constante diálogo com o Senhor e um verdadeiro diálogo entre vós. Acultura social predominante não vos ajuda a viver nem a Palavra de Jesus nem o dom de vós mesmos a que Ele vos convida segundo o desígnio do Pai. Queridos amigos, a força está dentro de vós, como o estava em Jesus que dizia: «O Pai que está em Mim, é que faz as obras. (…) Aquele que acredita em Mim fará também as obras que Eu faço; e fará obras maiores do que estas, porque Eu vou para o meu Pai» (Jo 14, 10.12). Por isso, não tenhais medo de tomar decisões definitivas. Generosidade não vos falta – eu sei! –, mas, perante o risco de se comprometer para uma vida inteira quer no matrimônio quer numa vida de especial consagração, sentis medo: «O mundo vive em contínuo movimento e a vida está cheia de possibilidades. Poderei eu dispor agora da minha vida inteira, ignorando os imprevistos que me reserva? Não será que eu, com uma decisão definitiva, jogo a minha liberdade e me prendo com as minhas próprias mãos?» Tais são as dúvidas que vos assaltam e que a atual cultura individualista e hedonista aviva. Mas quando o jovem não se decide, corre o risco de ficar uma eterna criança!

Eu digo-vos: Coragem! Ousai decisões definitivas, porque na verdade são as únicas que não destroem a liberdade, mas lhe criam a justa direção, possibilitando seguir em frente e alcançar algo de grande na vida. Sem dúvida, a vida só pode valer se tiverdes a coragem da aventura, a confiança de que o Senhor nunca vos deixará sozinhos. Juventude angolana, liberta dentro de ti o Espírito Santo, a força do Alto! Confiado nela, como Jesus, arrisca este salto, por assim dizer, no definitivo e com isso dá uma possibilidade à vida! Assim criar-se-ão entre vós ilhas, oásis e depois grandes superfícies de cultura cristã, onde se tornará visível aquela «cidade santa que desce do céu, da presença de Deus, bela como noiva adornada para o seu esposo». Tal é a vida que vale a pena ser vivida e que de coração vos desejo. Viva a juventude de Angola!

1. **DISCURSO DO PAPA BENTO XVI**

**5 ASPECTOS ESSENCIAS DA JMJ**

**22 de dezembro de 2011**

E um remédio contra a lassidão do crer foi também a magnífica experiência da Jornada Mundial da Juventude, em Madrid . Esta foi uma nova evangelização ao vivo. De forma cada vez mais clara vai-se delineando, nas Jornadas Mundiais da Juventude, um modo novo e rejuvenescido de ser cristão, que poder-se-ia caracterizar em cinco pontos.

1. Em primeiro lugar, há uma nova experiência da catolicidade, da universalidade da Igreja. Foi isto que impressionou, de forma muito viva e imediata, os jovens e todos os presentes: Vimos de todos os continentes e, apesar de nunca nos termos visto antes, conhecemo-nos. Falamos línguas diferentes e possuímos costumes de vida diversos e formas culturais diversas; e no entanto sentimo-nos imediatamente unidos como uma grande família. Separação e diversidade exteriores ficaram relativizadas. Todos somos tocados pelo mesmo e único Senhor Jesus Cristo, no qual se nos manifestou o verdadeiro ser do homem e, conjuntamente, o próprio Rosto de Deus. As nossas orações são as mesmas. Em virtude do mesmo encontro interior com Jesus Cristo, recebemos no mais íntimo de nós mesmos a mesma formação da razão, da vontade e do coração. E, por fim, a liturgia comum constitui uma espécie de pátria do coração e une-nos numa grande família. Aqui o fato de todos os seres humanos serem irmãos e irmãs não é apenas uma ideia mas torna-se uma experiência comum real, que gera alegria. E assim compreendemos também de maneira muito concreta que, apesar de todas as fadigas e obscuridades, é bom pertencer à Igreja universal, à Igreja Católica, que o Senhor nos deu.

2. E disto nasce, depois, um novo modo de viver o ser homem, o ser cristão. Para mim, uma das experiências mais importantes daqueles dias foi o encontro com os voluntários da Jornada Mundial da Juventude: eram cerca de 20.000 jovens, tendo todos, sem exceção, disponibilizado semanas ou meses da sua vida para colaborar na preparação técnica, organizativa e temática das atividades da Jornada Mundial da Juventude, e tornando, precisamente assim, possível o desenvolvimento regular de tudo. Com o próprio tempo, o homem oferece sempre uma parte da sua própria vida. No fim, estes jovens estavam, visível e «palpavelmente», inundados duma grande sensação de felicidade: o tempo dado tinha um sentido; precisamente no dom do seu tempo e da sua força laboral, encontraram o tempo, a vida. E então tornou-se-me evidente uma coisa fundamental: estes jovens ofereceram, na fé, um pedaço de vida, e não porque isso lhes fora mandado, nem porque se ganha o céu com isso, nem mesmo porque assim se escapa ao perigo do inferno. Não o fizeram, porque queriam ser perfeitos. Não olhavam para trás, para si mesmos. Passou-me pela mente a imagem da mulher de Lot, que, olhando para trás, se transformou numa estátua de sal. Quantas vezes a vida dos cristãos se caracteriza pelo fato de olharem sobretudo para si mesmos; por assim dizer, fazem o bem para si mesmos. E como é grande, para todos os homens, a tentação de se preocuparem antes de mais nada consigo mesmos, de olharem para trás para si mesmos, tornando-se assim interiormente vazios, «estátuas de sal»! Em Madrid, ao contrário, não se tratava de aperfeiçoar-se a si mesmo ou de querer conservar a própria vida para si mesmo. Estes jovens fizeram o bem – sem olhar ao peso e aos sacrifícios que o mesmo exigia – simplesmente porque é bom fazer o bem, é bom servir os outros. É preciso apenas ousar o salto. Tudo isto é antecedido pelo encontro com Jesus Cristo, um encontro que acende em nós o amor a Deus e aos outros e nos liberta da busca do nosso próprio «eu». Assim recita uma oração atribuída a São Francisco Xavier: Faço o bem, não porque em troca entrarei no céu, nem porque de contrário me poderíeis mandar para o inferno. Faço-o por Vós, que sois o meu Rei e meu Senhor. Este mesmo comportamento fui encontrá-lo também na África, por exemplo nas Irmãs de Madre Teresa que se prodigalizam pelas crianças abandonadas, doentes, pobres e atribuladas, sem se importarem consigo mesmas, tornando-se, precisamente assim, interiormente ricas e livres. Tal é o comportamento propriamente cristão. Para mim, ficou memorável também o encontro com os jovens deficientes na fundação de São José, em Madrid, onde voltei a encontrar a mesma generosidade de colocar-se à disposição dos outros; uma generosidade de se dar, que, em última análise, nasce do encontro com Cristo que Se deu a Si mesmo por nós.

3. Um terceiro elemento que vai, de forma cada vez mais natural e central, fazendo parte das Jornadas Mundiais da Juventude e da espiritualidade que delas deriva, é a adoração. Restam inesquecíveis em mim aqueles momentos no Hydepark, durante a minha viagem à Inglaterra, quando dezenas de milhares de pessoas, na sua maioria jovens, responderam à presença do Senhor no Santíssimo Sacramento com um profundo silêncio, adorando-O. E sucedeu o mesmo, embora em medida menor, em Zagreb e de novo em Madrid depois do temporal que ameaçava arruinar todo o encontro noturno por causa dos microfones que não funcionavam. Deus é, sem dúvida, omnipresente; mas a presença corpórea de Cristo ressuscitado constitui algo mais, constitui algo de novo. O Ressuscitado entra no meio de nós. E então não podemos senão dizer como o apóstolo Tomé: Meu Senhor e meu Deus! A adoração é, antes de mais nada, um ato de fé; o ato de fé como tal. Deus não é uma hipótese qualquer, possível ou impossível, sobre a origem do universo. Ele está ali. E se Ele está presente, prostro-me diante d’Ele. Então a razão, a vontade e o coração abrem-se para Ele, a partir d’Ele. Em Cristo ressuscitado, está presente Deus feito homem, que sofreu por nós porque nos ama. Entramos nesta certeza do amor corpóreo de Deus por nós, e fazemo-lo amando com Ele. Isto é adoração, e isto confere depois um cunho próprio à minha vida. E só assim posso celebrar convenientemente a Eucaristia e receber devidamente o Corpo do Senhor.

4. Outro elemento importante das Jornadas Mundiais da Juventude é a presença do sacramento da Penitência, que tem vindo, com naturalidade sempre maior, a fazer parte do conjunto. Deste modo, reconhecemos que necessitamos continuamente de perdão e que perdão significa responsabilidade. Proveniente do Criador, existe no homem a disponibilidade para amar e a capacidade de responder a Deus na fé. Mas, proveniente da história pecaminosa do homem (a doutrina da Igreja fala do pecado original), existe também a tendência contrária ao amor: a tendência para o egoísmo, para se fechar em si mesmo, ou melhor, no mal. Incessantemente a minha alma fica manchada por esta força de gravidade em mim, que me atrai para baixo. Por isso, temos necessidade da humildade que sempre de novo pede perdão a Deus, que se deixa purificar e que desperta em nós a força contrária, a força positiva do Criador, que nos atrai para o alto.

5. Por fim, como última característica, que não se deve descurar na espiritualidade das Jornadas Mundiais da Juventude, quero mencionar a alegria. Donde brota? Como se explica? Seguramente são muitos os fatores que interagem; mas, a meu ver, o fator decisivo é esta certeza que deriva da fé: Eu sou desejado; tenho uma missão na história; sou aceite, sou amado. Josef Pieper mostrou, no seu livro sobre o amor, que o homem só se pode aceitar a si mesmo, se for aceite por outra pessoa qualquer. Precisa que haja outra pessoa que lhe diga, e não só por palavras: É bom que tu existas. Somente a partir de um «tu» é que o «eu» pode encontrar-se si mesmo. Só se for aceite, é que o «eu» se pode aceitar a si mesmo. Quem não é amado, também não se pode amar a si mesmo. Este saber-se acolhido provém, antes de tudo, doutra pessoa. Entretanto todo o acolhimento humano é frágil; no fim de contas, precisamos de um acolhimento incondicional; somente se Deus me acolher e eu estiver seguro disso mesmo é que sei definitivamente: É bom que eu exista; é bom ser uma pessoa humana. Quando falta ao homem a percepção de ser acolhido por Deus, de ser amado por Ele, a pergunta sobre se existir como pessoa humana seja verdadeiramente coisa boa, deixa de encontrar qualquer resposta; torna-se cada vez mais insuperável a dúvida acerca da existência humana. Onde se torna predominante a dúvida sobre Deus, acaba inevitavelmente por seguir-se a dúvida acerca do meu ser homem. Hoje vemos quão difusa é esta dúvida! Vemo-lo na falta de alegria, na tristeza interior que se pode ler em muitos rostos humanos. Só a fé me dá esta certeza: É bom que eu exista; é bom existir como pessoa humana, mesmo em tempos difíceis. A fé faz-nos felizes a partir de dentro. Esta é uma das maravilhosas experiências das Jornadas Mundiais da Juventude.

Alongaria demasiado o nosso encontro falar agora também, de modo detalhado, do encontro de Assis, como a importância do acontecimento mereceria. Limitamo-nos a agradecer a Deus, porque nós – os representantes das religiões do mundo e também os representantes do pensamento em busca da verdade – pudemos, naquele dia, encontrar-nos num clima de amizade e de respeito mútuo, no amor à verdade e na responsabilidade comum pela paz. Por isso podemos esperar que, daquele encontro, tenha nascido uma disponibilidade nova para servir a paz, a reconciliação e a justiça.

Queria enfim agradecer do íntimo do coração a todos vós pelo apoio que prestais para levar por diante a missão que o Senhor nos confiou como testemunhas da sua verdade, e desejo a todos vós a alegria que Deus nos quis dar na encarnação do seu Filho. Um santo Natal para todos vós! Obrigado!

1. **DISCURSO DO PAPA FRANCISCO**

**ENCONTRO COM OS JOVENS EM CAGLIARI**

**22 de setembro de 2013**

Queridos jovens da Sardenha!

Parece que estão aqui alguns jovens, não? Alguns! Alguns ou muitos? Estão aqui muitos!

Obrigado por terdes vindo tão numerosos a este encontro! E obrigado aos «porta-vozes». Ver-vos faz-me pensar na Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro: talvez alguns de vós estavam lá, mas muitos certamente seguiram pela televisão e internet. Foi uma experiência muito boa, uma festa da fé e da fraternidade, que enche de júbilo. O mesmo júbilo que sentimos hoje. Demos graças ao Senhor e à Virgem Maria, Nossa Senhora de Bonaria: foi ela quem nos fez encontrar aqui. Rezai-lhe muitas vezes, é uma boa mãe, disto tenho certeza! Algumas das vossas «pregunte», das perguntas... mas, também eu falo um dialeto, aqui! Algumas das vossas perguntas vão na mesma direção. Eu penso no Evangelho às margens do lago da Galileia, onde viviam e trabalhavam Simão — que depois Jesus chamou Pedro — e seu irmão André, juntamente com Tiago e João, também eles irmãos, todos pescadores. Jesus está circundado pela multidão que quer ouvir a sua palavra; vê aqueles pescadores ao lado dos barcos que limpam as redes. Sobe ao barco de Simão e pede-lhe para se afastar um pouco da margem, e assim, estando sentado no barco, fala à multidão; Jesus, no barco, fala ao povo. Quando terminou, diz a Simão que se faça ao largo e lance as redes. Este pedido é uma prova para Simão — ouvi bem a palavra: uma «prova» — porque ele e os outros tinham acabado de regressar de uma noite de pesca que correu mal. Simão é um homem prático e sincero, e diz imediatamente a Jesus: «Mestre, pescamos a noite toda sem nada apanhar».

Este é o primeiro ponto: a experiência da falência. Nas vossas perguntas havia esta experiência: o Sacramento da Confirmação — como se chama este Sacramento? A Crisma... não! Mudou o nome: «Sacramento do adeus». Fazem-no e vão-se embora da Igreja: é verdade ou não? Esta é uma experiência de falência. A outra experiência de falência: os jovens que não estão na paróquia: falastes disto, vós. Esta experiência da falência, algo que corre mal, uma desilusão. Na juventude está-se projetado para o futuro, mas por vezes acontece viver uma falência, uma frustração: é uma prova, e é importante! E agora quero fazer uma pergunta a vós, não respondais em voz alta, mas em silêncio. Cada um no seu coração pense, pensai nas experiências de falência que experimentastes, pensai. É claro: todos nós as temos, todos nós.

Na Igreja fazemos tantas vezes esta experiência: os sacerdotes, os catequistas, os animadores fazem tanto, gastam tantas energias, comprometem-se ao máximo, e no final não veem resultados que correspondam sempre aos seus esforços. Disseram-no também os vossos «porta-vozes», nas primeiras duas perguntas. Referiam-se às comunidades nas quais a fé está um pouco diluída, não são muitos os fiéis que participam ativamente na vida da Igreja, veem-se cristãos por vezes cansados e tristes, e muitos jovens, depois de terem recebido a Crisma, afastam-se. O Sacramento da despedida, do adeus, como disse. É uma experiência de falência, uma experiência que nos deixa vazios, que nos faz desanimar. É verdade ou não? [Sim, respondem os jovens]. É verdade ou não? [Sim, respondem de novo].

Face a esta realidade, justamente perguntais-vos: o que podemos fazer? Certamente o que não deve ser feito é deixar-se vencer pelo pessimismo e pela falta de confiança. Cristãos pessimistas: é muito mau! Vós jovens não podeis nem deveis viver sem esperança, a esperança faz parte do vosso ser. Um jovem sem esperança não é um jovem, envelheceu demasiado cedo! A esperança faz parte da vossa juventude! Se não tiverdes esperança, pensai seriamente, pensai seriamente... um jovem sem alegria e sem esperança preocupa: não é um jovem. E quando um jovem não tem alegria, quando um jovem não tem confiança na vida, quando um jovem perde a esperança, onde é que vai encontrar um pouco de tranquilidade, um pouco de paz? Sem confiança, sem esperança, sem alegria? Vós sabeis, estes mercantes de morte, os que vendem morte oferecem um caminho para quando estais tristes, sem esperança, sem confiança, sem coragem! Por favor, não vendas a tua juventude a quantos vendem a morte! Vós sabeis do que estou a falar! Todos vós o sabeis: não vendais!

Voltemos ao cenário do Evangelho: Pedro, naquele momento crítico, põe-se em questão. O que teria podido fazer? Teria podido ceder ao cansaço e ao desânimo, pensando que é inútil e que é melhor retirar-se e ir para casa. Ao contrário, o que faz? Com coragem, sai de si mesmo e escolhe confiar em Jesus: Diz: «Mas, está bem: se tu o dizes lançarei as redes». Atenção! Não diz: com as minhas forças, com os meus cálculos, com a minha experiência de pescador perito, mas «se tu o dizes», confiando na palavra de Jesus! E o resultado é uma pesca incrível, as redes enchem-se, a tal ponto que quase se rompem.

Este é o segundo ponto: confiar em Jesus, ter confiança em Jesus. E quando digo isto, quero ser sincero e dizer-vos: não venho aqui para vos vender uma ilusão. Eu venho aqui para dizer: há uma Pessoa que te pode levar em frente: confia nela! É Jesus! Confia em Jesus. E Jesus não é uma ilusão! Confiar em Jesus. O Senhor está sempre conosco. Vem às margens do mar da nossa vida, torna-se próximo das nossas falências, da nossa fragilidade, dos nossos pecados, para os transformar. Nunca deixeis de vos pôr em jogo, como bons desportivos — alguns de vós sabem-no bem por experiência — que sabem enfrentar a fadiga do treino para alcançar resultados! As dificuldades não vos devem assustar, mas estimular-vos a ir além. Senti como que dirigidas a vós as palavras de Jesus: Fazei-vos ao largo e lançai as redes, jovens da Sardenha! Fazei-vos ao largo! Sede sempre mais dóceis à Palavra do Senhor: é Ele, é a sua Palavra, é o segui-lo que torna frutuoso o vosso compromisso de testemunho. Quando os esforços para despertar a fé entre os vossos amigos parecem inúteis, como a fadiga noturna dos pescadores, recordai-vos de que com Jesus tudo muda. A Palavra do Senhor encheu as redes, e a Palavra do Senhor torna eficaz o trabalho missionário dos discípulos. Seguir Jesus é algo exigente, significa não se contentar com metas pequenas, com a pequena cabotagem, mas apostar ao máximo com coragem!

Não é bom — não é bom — deter-se no «nada apanhamos», mas ir além, ir ao «fazer-se ao largo e lançar as redes» de novo, sem se cansar! Há a ameaça da lamentação, da resignação. Estas deixemo-las aos que seguem a «deusa lamentação!» E vós, seguis a «deusa lamentação»? Lamentais-vos continuamente, como num velório? Não, os jovens não podem fazer isso! A «deusa lamentação» é um engano: faz com que te encaminhes pela estrada errada. Quando tudo parece estar parado e estagnante, quando os problemas pessoais nos preocupam, as dificuldades sociais não encontram as devidas respostas, não é bom dar-se por vencido. A fé em Jesus conduz-nos a uma esperança que vai além, a uma certeza fundada não só nas nossas qualidades e habilidades, mas na Palavra de Deus, no convite que vem d’Ele. Sem fazer demasiados cálculos humanos e sem se preocupar com verificar se a realidade que vos circunda coincide com as vossas certezas. Fazei-vos ao largo, saí de vós mesmos; sair do nosso pequeno mundo e abrir-nos a Deus, para nos abrirmos cada vez mais aos irmãos. Abrir-nos a Deus abre-nos aos outros! Abrir-se a Deus e abrir-se aos outros. Dar alguns passos além de nós mesmos; pequenos passos, mas dai-os. Pequenos passos, saindo de vós mesmos rumo a Deus e aos outros, abrindo o coração à fraternidade, à amizade, à solidariedade.

Terceiro — e termino; é um pouco longo! — «Lançai as vossas redes para a pesca» (v. 4). Queridos jovens sardos, a terceira coisa que vos quero dizer, e assim respondo às outras duas perguntas, é que também vós estais chamados a tornar-vos «pescadores de homens». Não hesiteis em dedicar a vossa vida para testemunhar com alegria o Evangelho, sobretudo aos vossos conterrâneos. Desejo contar-vos uma experiência pessoal. Ontem completei 60 anos desde o dia em que ouvi a voz de Jesus no meu coração. Mas não digo isto para que me ofereçais um bolo, aqui, não, não o digo por isso. Mas é uma recordação: 60 anos a partir daquele dia. Nunca o esquecerei. O Senhor fez-me sentir fortemente que eu devia ir por aquele caminho. Tinha 17 anos. Passaram alguns anos antes que essa decisão, esse convite, se tornasse concreto e definitivo. Depois passaram muitos anos com alguns sucessos, de alegria, mas tantos anos de falências, de fragilidades, de pecado... 60 anos pelo caminho do Senhor, atrás d’Ele, ao lado d’Ele, sempre com Ele. Digo-vos apenas isto: não me arrependi! Não me arrependi! Mas por quê? Porque me sinto como Tarzan, forte para ir em frente? Não, não me arrependi porque sempre, até nos momentos mais tenebrosos, nos momentos do pecado, nos momentos da fragilidade, nos momentos da falência, olhei para Jesus e confiei n’Ele, e Ele não me deixou sozinho. Confiai em Jesus: Ele vai sempre à frente, Ele caminha conosco! Mas, ouvi, Ele nunca desilude. Ele é fiel, é um companheiro fiel. Pensai, este é o meu testemunho: sinto-me feliz por estes 60 anos com o Senhor. Só mais uma coisa: ide em frente.

Falei demasiado? [Não, respondem os jovens] Permaneçamos unidos na oração. E continuai neste caminho com Jesus: fizeram-no os Santos.

Os Santos são assim: não nascem já perfeitos, já santos! Tornam-se santos porque, como Simão Pedro, confiam na Palavra do Senhor e «fazem-se ao largo». A vossa terra deu tantos testemunhos, até recentes: as Beatas Antonia Mesina, Gabriella Sagheddu, Giuseppina Nicoli; os Servos de Deus Edvige Carboni, Simonetta Tronci e padre Antonio Loi. São pessoas comuns, que em vez de se lamentar «lançaram as redes para a pesca». Imitai o seu exemplo, confiai-vos à sua intercessão, e sede sempre homens e mulheres de esperança! Nenhuma lamentação! Nenhum desencorajamento! Nenhum desânimo, nada de ir comprar consolação de morte: nada! Ide em frente com Jesus! Ele nunca falha, Ele não desilude, Ele é leal!

Orai por mim! E Nossa Senhora vos acompanhe!

[Antes da bênção o Papa Francisco acrescentou estas palavras]

Amados jovens

Antes de dar a Bênção queria dizer-vos outra coisa. Quando eu dizia para ir em frente com Jesus, é para construir, para fazer boas ações, para levar por diante a vida, ajudar os outros, construir um mundo melhor e a paz. Mas há escolhas erradas, escolhas erradas, porque há escolhas de destruição. Hoje, no Paquistão, devido a uma escolha errada, de ódio, de guerra, foi feito um atentado e morreram 70 pessoas. Este caminho não pode continuar, não serve. Só o caminho da paz, que constrói um mundo melhor! Mas se não o fizerdes vós, se vós não o fizerdes, ninguém o fará! Eis o problema, esta é a pergunta que vos deixo: «Estou disposto, estou disposta a empreender um caminho para construir um mundo melhor?». Só isto. E rezemos um Pai-Nosso por todas estas pessoas que morreram neste atentado do Paquistão.

Nossa Senhora nos ajude sempre a trabalhar por um mundo melhor, a decidir-nos pelo caminho da construção, o caminho da paz, e nunca pelo caminho da destruição e da guerra.

Abençoe-vos Deus Omnipotente, Pai e Filho e Espírito Santo.

Por favor, rezai por mim. Adeus!

1. **DISCURSO DO PAPA FRANCISCO**

**ENCONTRO COM OS JOVENS DOS ABRUZOS E MOLISE**

**5 DE JULHO DE 2014**

Queridos jovens, boa tarde!

Agradeço-vos a vossa numerosa e jubilosa presença. Agradeço a D. Pietro Santoro o seu serviço prestado à pastoral juvenil; e obrigado a ti, Sara, que te tornaste porta-voz da esperança e das preocupações dos jovens dos Abruzos e de Molise.

O entusiasmo e o clima de festa que sabeis criar são contagiosos. O entusiasmo é contagioso. Mas vós, sabeis de onde provém esta palavra: entusiasmo? Deriva do grego e significa «ter algo de Deus dentro» ou «estar dentro de Deus». O entusiasmo, quando é saudável, demonstra isto: que temos dentro algo de Deus e exprimimo-lo com júbilo. Sede abertos — com este entusiasmo — à esperança e desejosos de plenitude, desejosos de dar significado ao futuro, à vossa vida inteira, de entrever o caminho justo para cada um de vós e escolher a via que vos leve à serenidade e à realização humana. Caminho justo, escolher a via... o que significa isto? Não ficar parado — um jovem não pode ficar parado! — e caminhar. Isto indica ir rumo a algo; porque uma pessoa pode mover-se e não ser uma pessoa que caminha, mas um «errante», que perambula pela vida.. Mas a vida não é feita para «ser virada», é feita para «ser caminhada», e este é o nosso desafio!

Por um lado, estais à procura do que conta verdadeiramente, que permanece estável no tempo e é definitivo, estais em busca de respostas que iluminem a vossa mente e aqueçam o vosso coração não só durante o espaço de uma manhã ou por um breve trecho de estrada, mas para sempre. A luz no coração sempre, a luz na mente para sempre, o coração aquecido para sempre, definitivo. Por outro lado, sentis o grande temor de errar — é verdade, quem caminha pode errar — tendes medo de vos envolverdes demasiado nas coisas — sentiste-lo muitas vezes — a tentação de deixar sempre aberta uma pequena possibilidade de fuga, que no momento oportuno possa abrir sempre novos cenários e oportunidades. Vou nesta direção, escolho este rumo, mas deixo aberta esta porta: se eu não gostar, volto e vou-me embora. Esta provisoriedade não faz bem; não faz bem porque torna a mente escura e o coração frio.

A sociedade contemporânea e os seus modelos culturais predominantes — por exemplo, a «cultura do provisório» — não oferecem um clima favorável para a elaboração de escolhas de vida estáveis com vínculos sólidos, construídos numa rocha de amor, de responsabilidade e não na areia da emoção do momento. A aspiração à autonomia individual é incentivada a ponto de pôr sempre tudo em discussão e de demolir com facilidade escolhas importantes e ponderadas por um longo período, percursos de vida empreendidos livremente com compromisso e dedicação. Isto alimenta a superficialidade na assunção das responsabilidades, pois no profundo da alma elas correm o risco de ser consideradas como algo do que contudo podemos libertar-nos. Hoje escolho isto, amanhã aquilo... vou como sopra o vento; ou quando acaba o meu entusiasmo, a minha vontade, empreendo outra estrada... E assim continua este «errar» pela vida, que é própria do labirinto. Mas o caminho não é o labirinto! Quando vos encontrardes num labirinto, vou por aqui, vou por ali, vou por aqui.. parai! Procurai o fio para sair do labirinto; procurai o fio: não se pode queimar a vida dando voltas.

Todavia, queridos jovens, o coração do ser humano aspira a grandes coisas, a valores importantes, a amizades profundas, a laços que se fortificam nas provações da vida, em vez de se despedaçarem. O ser humano aspira a amar e a ser amado. Esta é a nossa aspiração mais profunda: amar e ser amados; e isto, definitivamente. A cultura do provisório não exalta a nossa liberdade, mas priva-nos do nosso verdadeiro destino, das metas mais verdadeiras e autênticas. É uma vida despedaçada. É triste chegar a uma certa idade, olhar para o caminho que percorremos e pensar que foi despedaçado em vária partes, sem unidade, sem nada de definitivo: tudo provisório... Não deixeis que vos roubem o desejo de construir na vossa vida coisas grandes e sólidas! É isto que vos leva em frente. Não vos contenteis com pequenas metas! Aspirai à felicidade, tende a coragem, a coragem de sair de vós mesmos, e de jogar plenamente o vosso futuro juntamente com Jesus.

Sozinhos não podemos conseguir. Perante a pressão dos eventos e das modas, sozinhos nunca conseguiremos encontrar o justo caminho, e se o encontrássemos, não teríamos a força suficiente para perseverar, para enfrentar as subidas e os obstáculos imprevistos. E aqui insere-se o convite do Senhor Jesus: «Se quiseres... segue-me». Convida-nos para nos acompanhar no caminho, não para nos explorar, não para nos tornar escravos, mas para nos tornar livres. Nesta liberdade convida-nos para nos acompanhar ao longo do caminho. É assim. Só juntamente com Jesus, rezando-lhe e seguindo-o encontramos clareza de visão e força para a levar em frente. Ele ama-nos definitivamente, escolheu-nos de modo definitivo, doou-se definitivamente a cada um de nós. É o nosso defensor e irmão mais velho e será o nosso único juiz. Como é bom poder enfrentar as alternas vicissitudes da existência em companhia de Jesus, ter conosco a sua Pessoa e a sua mensagem! Ele não tira a autonomia ou liberdade; ao contrário, fortalecendo a nossa fragilidade, permite que sejamos verdadeiramente livres, livres de praticar o bem, fortes para continuar a praticá-lo, capazes de perdoar e de pedir perdão. É Jesus que nos acompanha, ou seja, o Senhor!

Uma palavra que gosto de repetir, porque muitas vezes a esquecemos: Deus nunca se cansa de perdoar. E isto é verdadeiro! O seu amor é tão grande que está sempre perto de nós. Somos nós que nos cansamos de pedir perdão, mas Ele perdoa sempre, todas as vezes que lhe pedimos.

Ele perdoa definitivamente, cancela e esquece o nosso pecado se nos dirigirmos a Ele com humildade e confiança. Ele ajuda-nos a não nos desanimarmos nas dificuldades, a não as considerar insuperáveis; e então, confiando n’Ele, lançareis novamente as redes para uma pesca surpreendente e abundante, tereis coragem e esperança também para enfrentar as dificuldades derivantes dos efeitos da crise econômica. A coragem e a esperança são dotes de todos, mas condiz com os jovens: coragem e esperança. O futuro certamente está nas mãos de Deus, nas mãos de um Pai providente. Isto não significa negar as dificuldades e os problemas, mas vê-los, isto sim, como provisórios e superáveis. As dificuldades, as crises, com a ajuda de Deus e a boa vontade de todos, podem ser superadas, vencidas, transformadas.

Não quero terminar sem dizer uma palavra sobre o problema que vos atinge, um problema que vós viveis na atualidade: o desemprego. É triste encontrar jovens «nem-nem». O que significa, este «nem-nem»? Nem estudam, porque não podem, não têm a possibilidade, nem trabalham. Este é o desafio que a nível de comunidade todos nós devemos vencer. Devemos ir em frente para vencer este desafio! Não podemos resignar-nos a perder uma geração inteira de jovens que não têm a grande dignidade do trabalho! O trabalho dá-nos a dignidade, e todos nós devemos fazer o possível a fim de que não se perca uma geração de jovens. Desenvolver a criatividade, a fim de que os jovens sintam a alegria da dignidade que deriva do trabalho. Uma geração sem trabalho é uma derrota futura para a pátria e a humanidade. Devemos lutar contra isto. E ajudar-nos uns aos outros a encontrar uma solução, de apoio, de solidariedade. Os jovens são corajosos, já o disse, os jovens têm esperança e — em terceiro lugar — os jovens têm a capacidade de ser solidários. E solidariedade é uma palavra que, no mundo de hoje, as pessoas não gostam de ouvir. Alguns pensam que é um palavrão. Não, não é um palavrão, é uma palavra cristã: ir em frente com o irmão para o ajudar a superar os problemas. Corajosos, com esperança e solidariedade.

Estamos reunidos diante do Santuário de Nossa Senhora das Dores, erigido no lugar onde duas jovens desta terra, Fabiana e Serafina, em 1888 tiveram uma visão da Mãe de Deus enquanto trabalhavam no campo. Maria é mãe, socorre-nos sempre: quando trabalhamos e quando estamos à procura de trabalho, quando temos as ideias claras e quando estamos desnorteados, quando a oração brota de forma espontânea e quando o coração está árido: Ela está sempre pronta para nos ajudar. Maria é a Mãe de Deus, a nossa mãe e mãe da Igreja. Muitos homens e mulheres, jovens e idosos dirigiram-se a Ela para lhe agradecer e suplicar uma graça. Maria leva-nos para Jesus, e Jesus dá-nos a paz. Recorramos a Ela confiantes na sua ajuda, com coragem e esperança. O Senhor abençoe cada um de vós, no vosso percurso, no vosso caminho de coragem, esperança e solidariedade. Obrigado!

Agora rezemos a Nossa Senhora, todos juntos; Ave Maria...

[Bênção].

Por favor, peço-vos que rezeis por mim: por favor, fazei-o! E não esqueçais: «caminhar pela vida», nunca «perambular pela vida»! Obrigado!

1. **MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA A XXX JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE**

**31 de janeiro de 2015**

Queridos jovens!

Continuamos a nossa peregrinação espiritual para Cracóvia, onde em Julho de 2016 se realizará a próxima edição internacional da Jornada Mundial da Juventude. Como guia do nosso caminho escolhemos as Bem-aventuranças evangélicas. No ano passado, refletimos sobre a Bem-aventurança dos pobres em espírito, inserida no contexto mais amplo do «Sermão da Montanha». Juntos, descobrimos o significado revolucionário das Bem-aventuranças e o forte apelo de Jesus para nos lançarmos, com coragem, na aventura da busca da felicidade. Este ano refletiremos sobre a sexta Bem-aventurança: «Felizes os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5, 8).

1. O desejo da felicidade

A palavra «felizes», ou bem-aventurados, aparece nove vezes na primeira grande pregação de Jesus (cf. Mt 5, 1-12). É como um refrão que nos recorda a chamada do Senhor a percorrer, juntamente com Ele, uma estrada que, apesar de todos os desafios, é a via da verdadeira felicidade.

Ora a busca da felicidade, queridos jovens, é comum a todas as pessoas de todos os tempos e de todas as idades. Deus colocou no coração de cada homem e de cada mulher um desejo irreprimível de felicidade, de plenitude. Porventura não sentis que o vosso coração está inquieto buscando sem cessar um bem que possa saciar a sua sede de infinito?

Os primeiros capítulos do livro do Gênesis apresentam-nos a felicidade maravilhosa a que somos chamados, consistindo numa perfeita comunhão com Deus, com os outros, com a natureza, com nós mesmos. O livre acesso a Deus, à sua intimidade e visão estava presente no projeto de Deus para a humanidade desde as suas origens e fazia com que a luz divina permeasse de verdade e transparência todas as relações humanas. Neste estado de pureza original, não existiam «máscaras», subterfúgios, motivos para se esconderem uns dos outros. Tudo era puro e claro.

Quando o homem e a mulher cedem à tentação e quebram a relação de confiante comunhão com Deus, o pecado entra na história humana (cf. Gn 3). Imediatamente se fazem notar as consequências inclusive nas suas relações consigo mesmo, de um com o outro, e com a natureza. E são dramáticas! A pureza das origens como que fica poluída. Depois daquele momento, já não é possível o acesso direto à presença de Deus. Comparece a tendência a esconder-se, o homem e a mulher devem cobrir a sua nudez. Privados da luz que provém da visão do Senhor, olham a realidade que os circunda de maneira distorcida, míope. A «bússola» interior, que os guiava na busca da felicidade, perde o seu ponto de referência e as seduções do poder e do ter e a ânsia do prazer a todo o custo precipitam-nos no abismo da tristeza e da angústia.

Nos Salmos, encontramos o grito que a humanidade, desde as profundezas da sua alma, dirige a Deus: «Quem nos dará a felicidade? Resplandeça sobre nós, Senhor, a luz do vosso rosto!» (Sal 4, 7). Na sua infinita bondade, o Pai responde a esta súplica com o envio do seu Filho. Em Jesus, Deus assume um rosto humano. Com a sua encarnação, vida, morte e ressurreição, redime-nos do pecado e abre-nos horizontes novos, até então inconcebíveis.

E assim, queridos jovens, em Cristo encontra-se a plena realização dos vossos sonhos de bondade e felicidade. Só Ele pode satisfazer as vossas expectativas tantas vezes desiludidas por falsas promessas mundanas. Como disse São João Paulo II, «Ele é a beleza que tanto vos atrai; é Ele quem vos provoca com aquela sede de radicalidade que não vos deixa ceder a compromissos; é Ele quem vos impele a depor as máscaras que tornam a vida falsa; é Ele quem vos lê no coração as decisões mais verdadeiras que outros quereriam sufocar. É Jesus quem suscita em vós o desejo de fazer da vossa vida algo grande» (Vigília de Oração em Tor Vergata, 19 de Agosto de 2000: L’Osservatore Romano, ed. portuguesa de 26/VIII/2000, 383).

2. Felizes os puros de coração…

Procuremos agora aprofundar como esta felicidade passa pela pureza de coração. Antes de mais nada, devemos compreender o significado bíblico da palavra «coração». Na cultura hebraica, o coração é o centro dos sentimentos, pensamentos e intenções da pessoa humana. Se a Bíblia nos ensina que Deus olha, não às aparências, mas ao coração (cf. 1 Sam 16,7), podemos igualmente afirmar que é a partir do nosso coração que podemos ver a Deus. Assim é, porque o coração compendia o ser humano na sua totalidade e unidade de corpo e alma, na sua capacidade de amar e ser amado.

Passando agora à definição de «puro», a palavra grega usada pelo evangelista Mateus é katharos e significa, fundamentalmente, limpo, claro, livre de substâncias contaminadoras. No Evangelho, vemos Jesus desarraigar uma certa concepção da pureza ritual ligada a elementos externos, que proibia todo o contato com coisas e pessoas (incluindo os leprosos e os forasteiros), consideradas impuras. Aos fariseus – que, como muitos judeus de então, não comiam sem antes ter feito as devidas abluções e observavam numerosas tradições relacionadas com a lavagem de objetos –, Jesus diz categoricamente: «Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa tornar impuro. Mas o que sai do homem, isso é que o torna impuro. (…) Porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos, as prostituições, roubos, assassínios, adultérios, ambições, perversidade, má-fé, devassidão, inveja, maledicência, orgulho, desvarios» (Mc 7, 15.21-22).

Sendo assim, em que consiste a felicidade que brota dum coração puro? Partindo do elenco dos males enumerados por Jesus, que tornam o homem impuro, vemos que a questão tem a ver sobretudo com o campo das nossas relações. Cada um de nós deve aprender a discernir aquilo que pode «contaminar» o seu coração, formando em si mesmo uma consciência reta e sensível, capaz de «discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom, o que Lhe é agradável, o que é perfeito» (Rm 12, 2). Se é necessária uma atenção salutar para com a salvaguarda da criação, a pureza do ar, da água e dos alimentos, com maior razão ainda devemos salvaguardar a pureza daquilo que temos de mais precioso: os nossos corações e as nossas relações. Esta «ecologia humana» ajudar-nos-á a respirar o ar puro que provém das coisas belas, do amor verdadeiro, da santidade.

Uma vez fiz-vos a pergunta: Onde está o vosso tesouro? Qual é o tesouro onde repousa o vosso coração? (cf. Entrevista com alguns jovens da Bélgica, 31 de Março de 2014). É verdade! Os nossos corações podem apegar-se a tesouros verdadeiros ou falsos, podem encontrar um repouso autêntico ou então adormentar-se tornando-se preguiçosos e entorpecidos. O bem mais precioso que podemos ter na vida é a nossa relação com Deus. Estais convencidos disto? Estais cientes do valor inestimável que tendes aos olhos de Deus? Sabeis que Ele vos ama e acolhe, incondicionalmente, assim como sois? Quando esta percepção esmorece, o ser humano torna-se um enigma incompreensível, pois o que dá sentido à nossa vida é precisamente saber que somos amados incondicionalmente por Deus. Lembrais-vos do diálogo de Jesus com o jovem rico? (cf. Mc 10, 17-22). O evangelista Marcos observa que o Senhor fixou o olhar nele e amou-o (cf. v. 21), convidando-o depois a segui-Lo para encontrar o verdadeiro tesouro. Espero, queridos jovens, que este olhar de Cristo, cheio de amor, vos acompanhe durante toda a vossa vida.

O período da juventude é aquele em que desabrocha a grande riqueza afetiva contida nos vossos corações, o desejo profundo dum amor verdadeiro, belo e grande. Quanta força há nesta capacidade de amar e ser amados! Não permitais que este valor precioso seja falsificado, destruído ou deturpado. Isto acontece quando, nas nossas relações, comparece a manipulação do próximo para os nossos objetivos egoístas, por vezes como mero objeto de prazer. O coração fica ferido e triste depois destas experiências negativas. Peço-vos que não tenhais medo dum amor verdadeiro, aquele que nos ensina Jesus e que São Paulo descreve assim: «O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais passará» (1 Cor 13, 4-8).

Ao mesmo tempo que vos convido a descobrir a beleza da vocação humana para o amor, exorto-vos a rebelar-vos contra a tendência generalizada de banalizar o amor, sobretudo quando se procura reduzi-lo apenas ao aspecto sexual, desvinculando-o assim das suas características essenciais de beleza, comunhão, fidelidade e responsabilidade. Queridos jovens, «na cultura do provisório, do relativo, muitos pregam que o importante é “curtir” o momento, que não vale a pena comprometer-se por toda a vida, fazer escolhas definitivas, “para sempre”, uma vez que não se sabe o que reserva o amanhã. Em vista disso eu peço que vocês sejam revolucionários, eu peço que vocês vão contra a corrente; sim, nisto peço que se rebelem: que se rebelem contra esta cultura do provisório que, no fundo, crê que vocês não são capazes de assumir responsabilidades, crê que vocês não são capazes de amar de verdade. Eu tenho confiança em vocês, jovens, e rezo por vocês. Tenham a coragem de “ir contra a corrente”. E tenham também a coragem de ser felizes!» (Encontro com os voluntários da JMJ do Rio, 28 de Julho de 2013).

Vós, jovens, sois bons exploradores! Se vos lançardes à descoberta do rico ensinamento da Igreja neste campo, descobrireis que o cristianismo não consiste numa série de proibições que sufocam os nossos desejos de felicidade, mas num projeto de vida que pode fascinar os nossos corações!

3. ...porque verão a Deus

No coração de cada homem e de cada mulher, ressoa sem cessar o convite do Senhor: «Procurai o meu rosto!» (Sal 27/26, 8). Ao mesmo tempo, porém, sempre nos devemos confrontar com a nossa pobre condição de pecadores. Assim o lemos, por exemplo, no livro dos Salmos: «Quem poderá subir à montanha do Senhor e apresentar-se no seu santuário? O que tem as mãos inocentes e o coração limpo» (Sal 24/23, 3-4). Mas não devemos ter medo nem desanimar: vemos, na Bíblia e na história de cada um de nós, que é sempre Deus quem dá o primeiro passo. É Ele que nos purifica, para podermos ser admitidos à sua presença.

O profeta Isaías, quando recebeu a chamada do Senhor para falar em seu nome, ficou apavorado e disse: «Ai de mim, estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros» (Is 6, 5). Mas o Senhor purificou-o, enviando um anjo que tocou a sua boca e lhe disse: «Foi afastada a tua culpa e apagado o teu pecado» (v. 7). No Novo Testamento, quando Jesus chamou os seus primeiros discípulos e realizou o prodígio da pesca miraculosa no lago de Genesaré, Simão Pedro caiu aos seus pés dizendo: «Afasta-Te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador» (Lc 5, 8). A resposta não se fez esperar: «Não tenhas receio; de futuro serás pescador de homens» (v. 10). E, quando um dos discípulos de Jesus Lhe pediu: «Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta», o Mestre respondeu: «Quem Me vê, vê o Pai» (Jo 14, 8.9).

Por isso, o convite do Senhor a encontrá-Lo é dirigido a cada um de vós, independentemente do lugar e situação em que vos encontrardes. Basta «tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito» (Exort. ap. Evangelii gaudium, 3). Todos somos pecadores, necessitados de ser purificados pelo Senhor. Mas basta dar um pequeno passo em direção a Jesus para descobrir que Ele está sempre à nossa espera de braços abertos, especialmente no sacramento da Reconciliação, ocasião privilegiada de encontro com a misericórdia divina que purifica e recria os nossos corações.

Sim, queridos jovens, o Senhor quer encontrar-nos, deixar-Se «ver» por nós. «E como?»: poder-me-íeis perguntar. Também Santa Teresa de Ávila, nascida na Espanha precisamente há quinhentos anos, já de pequenina dizia aos seus pais: «Quero ver a Deus». Depois descobriu o caminho da oração como «uma relação íntima de amizade com Aquele por quem nos sentimos amados» (Livro da Vida 8, 5). Por isso, pergunto-vos: Vós rezais? Sabeis que tendes possibilidade de falar com Jesus, com o Pai, com o Espírito Santo, como se fala com um amigo? E não um amigo qualquer, mas o vosso amigo melhor e de maior confiança! Tentai fazê-lo, com simplicidade. Descobrireis aquilo que um camponês d’Ars dizia ao santo cura do seu país: quando estou em oração diante do Sacrário, «eu olho para Ele e Ele olha para mim» (Catecismo da Igreja Católica, 2715).

Uma vez mais convido-vos a encontrar o Senhor, lendo frequentemente a Sagrada Escritura. E, se não tiverdes ainda o hábito de o fazer, começai pelos Evangelhos. Lede um pedaço cada dia. Deixai que a Palavra de Deus fale aos vossos corações, ilumine os vossos passos (cf. Sal 119/118, 105). Descobrireis que se pode «ver» a Deus também no rosto dos irmãos, especialmente os mais esquecidos: os pobres, os famintos, os sedentos, os forasteiros, os doentes, os presos (cf. Mt 25, 31-46). Já alguma vez tivestes a experiência disto? Queridos jovens, para entrar na lógica do Reino de Deus, é preciso reconhecer-se pobre com os pobres. Um coração puro é necessariamente também um coração despojado, que sabe abaixar-se e partilhar a sua vida com os mais necessitados.

O encontro com Deus na oração, através da leitura da Bíblia e na vida fraterna ajudar-vos-á a conhecer melhor o Senhor e a vós mesmos. Como aconteceu com os discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 13-35), a voz de Jesus inflamará os vossos corações e abrir-se-ão os vossos olhos para reconhecer a sua presença na vossa história, descobrindo assim o projeto de amor que Ele tem para a vossa vida.

Alguns de vós sentem ou hão de sentir a chamada do Senhor para o matrimônio, para formar uma família. Hoje, muitos pensam que esta vocação esteja «fora de moda», mas não é verdade! Precisamente por este motivo, a Comunidade eclesial inteira está a viver um período especial de reflexão sobre a vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. Além disso, convido-vos a tomar em consideração a chamada à vida consagrada ou ao sacerdócio. Como é belo ver jovens que abraçam a vocação de se darem plenamente a Cristo e ao serviço da sua Igreja! Ponde-vos a pergunta a vós mesmos com ânimo puro e não tenhais medo daquilo que Deus vos pede! A partir do vosso «sim» à chamada do Senhor, tornar-vos-eis novas sementes de esperança na Igreja e na sociedade. Não esqueçais: a vontade de Deus é a nossa felicidade!

4. Em caminho para Cracóvia

«Felizes os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5, 8). Queridos jovens, como vedes, esta Bem-aventurança está intimamente relacionada com a vossa vida e é uma garantia da vossa felicidade. Por isso, repito-vos mais uma vez: tende a coragem de ser felizes!

A Jornada Mundial da Juventude deste ano conduz à última etapa do caminho de preparação para o próximo grande encontro mundial dos jovens em Cracóvia, no ano de 2016. Precisamente há trinta anos, São João Paulo II instituiu, na Igreja, as Jornadas Mundiais da Juventude. Esta peregrinação juvenil através de todos os Continentes, sob a guia do Sucessor de Pedro, foi verdadeiramente uma iniciativa providencial e profética. Juntos, damos graças ao Senhor pelos preciosos frutos que a mesma produziu na vida de tantos jovens por toda terra. Quantas descobertas importantes, sobretudo as de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, e da Igreja como uma família grande e acolhedora! Quantas mudanças de vida, quantas decisões vocacionais brotaram daqueles encontros! O Santo Pontífice, Padroeiro das JMJ, interceda pela nossa peregrinação rumo à sua Cracóvia. E o olhar materno da Bem-aventurada Virgem Maria, a cheia de graça, toda bela e toda pura, nos acompanhe neste caminho.

1. **DISCURSO DO PAPA FRANCISCO**

**ENCONTRO COM OS JOVENS EM TURIM**

**21 de junho de 2015**

Obrigado Chiara, Sara e Luigi. Obrigado porque as perguntas são sobre o tema das três palavras do Evangelho de João que acabamos de ouvir: amor, vida, amigos. Três palavras que no texto de João se cruzam, e uma explica a outra: não se pode falar da vida no Evangelho sem falar do amor — se falarmos da verdadeira vida — e não se pode falar do amor sem esta transformação de servos em amigos. E estas três palavras são tão importantes para a vida mas as três têm uma raiz comum: a vontade de viver. E aqui permito-me recordar as palavras do beato Pier Giorgio Frassati, um jovem como vós: «Viver, não ir vivendo!». Viver!

Sabeis que não é bom ver um jovem «parado», que vive, mas vive como — permiti-me a palavra — como um vegetal: faz as coisas, mas a vida não é uma vida que progride, está parada. Sabeis que a mim me causam tanta tristeza no coração os jovens que se aposentam aos vinte anos! Sim, envelheceram cedo... Por isso, quando Chiara fez aquela pergunta sobre o amor: aquilo que faz com que um jovem não se aposente é a vontade de amar, a vontade de dar o que o homem tem de mais belo, e que Deus tem de mais bonito, porque a definição que João dá de Deus é «Deus é amor». E quando o jovem ama, vive, cresce, não se aposenta. Cresce, cresce, cresce e dá.

Mas o que é o amor? «É a telenovela, padre? Aquilo que vemos nos romances televisivos?». Há quem pense que é esse o amor. Falar do amor é tão bom, podem-se dizer coisas agradáveis, muito bonitas. Mas o amor tem dois eixos sobre os quais se move, e se uma pessoa, um jovem não tem estes dois eixos, estas duas dimensões do amor, não é amor. Antes de tudo, o amor está mais nas obras do que nas palavras: o amor é concreto. Com a família salesiana, há duas horas, falei da tangibilidade da sua vocação... — E vejo que se sentem jovens porque estão aqui à frente! — O amor é tangível, consiste mais nas obras do que nas palavras. Não é amor dizer apenas: «Eu amo-te, eu amo todas as pessoas». Não. O que fazes por amor? O amor dá-se. Pensai que Deus começou a falar de amor quando estabeleceu uma história com o seu povo, quando escolheu o seu povo, fez uma aliança com o seu povo, salvou o seu povo, perdoou tantas vezes — quanta paciência tem Deus! Fez gestos de amor, obras de amor. E a segunda dimensão, o segundo eixo sobre o qual o amor se move é que o amor se comunica sempre, isto é, o amor ouve e responde, o amor faz-se no diálogo, na comunhão: comunica-se. O amor não é surdo nem mudo, comunica-se. Estas duas dimensões são muito úteis para compreender o que é o amor, que não é um sentimento romântico do momento nem uma história, não, é concreto, consiste nas obras. E comunica-se, ou seja, está no diálogo, sempre.

Portanto Chiara, respondo à tua pergunta: «Com frequência nos sentimos desiludidos precisamente no amor. Em que consiste a grandeza do amor de Jesus? Como podemos experimentar o seu amor?». E agora, eu sei que vós sois bons e permitireis que eu fale com sinceridade. Não pretendo ser moralista mas dizer uma palavra que não agrada, uma palavra impopular. Também o Papa algumas vezes deve arriscar sobre as coisas para dizer a verdade. O amor consiste nas obras, em comunicar, mas o amor é muito respeitador das pessoas, não as usa, isto é, o amor é casto. E a vós jovens deste mundo, deste mundo hedonista, neste mundo onde só o prazer é publicitado, passar bem, levar uma vida descontraída, eu digo-vos: sede castos, sede castos.

Todos nós na vida passamos por momentos nos quais esta virtude é muito difícil, mas é precisamente a vida de um amor genuíno, de um amor que sabe dar a vida, que não procura usar o outro para o próprio prazer. É um amor que considera a vida da outra pessoa sagrada: eu respeito-te, eu não quero usar-te, não quero usar-te. Não é fácil. Todos sabemos as dificuldades para superar este conceito «facilitador» e hedonista do amor. Perdoai-me se digo uma coisa que não esperáveis, mas peço-vos: fazei o esforço de viver o amor castamente.

E disto obtemos uma consequência: se o amor é respeitador, se o amor está nas obras, se o amor está em comunicar, o amor sacrifica-se pelos outros. Olhai para o amor dos pais, de tantas mães, de tantos pais que de manhã chegam ao lugar de trabalho cansados porque não dormiram bem para cuidar do próprio filho doente, isto é amor! Isto é respeito. Isto é viver bem. Isto é — passemos à outra palavra-chave — «serviço». O amor é serviço. É servir os outros. Quando Jesus, depois do lava-pés, explicou o gesto aos Apóstolos, ensinou que somos feitos para servir uns aos outros, e se digo que amo e não sirvo o outro, não o ajudo, não o faço progredir, não me sacrifico pelo outro, isto não é amor. Carregastes [a Cruz das JMJ]: nela está o sinal do amor. Aquela história de amor de Deus misturada com as obras e o diálogo, com o respeito, o perdão e a paciência durante tantos séculos de história com o seu povo, acaba ali: o seu Filho na cruz, o serviço maior, que é dar a vida, sacrificar-se, ajudar os outros. Não é fácil falar de amor, não é fácil viver o amor. Mas com o que disse na minha resposta, Chiara, penso que te ajudei em algo, nas perguntas que me fizeste. Não sei, espero que te sejam úteis.

Obrigado Sara, apaixonada pelo teatro. Obrigada. «Penso nas palavras de Jesus: Dar a vida». Falemos disto agora. «Muitas vezes respiramos um sentido de desconfiança na vida». Sim, porque há situações que nos fazem refletir: «Mas, vale a pena viver assim? O que podemos esperar desta vida?». Pensemos, deste modo, nas guerras. Algumas vezes disse que nós estamos a viver a terceira guerra mundial, mas aos pedaços. Aos bocados: na Europa há guerra, na África há guerra, no Médio Oriente há guerra, noutros países há guerra... Mas posso ter confiança numa vida assim? Posso fiar-me dos líderes mundiais? Eu, quando vou votar num candidato, posso confiar que não levará o meu país à guerra? Se confiares unicamente nos homens, perdes-te! Um aspecto faz-me refletir: pessoas, dirigentes, empresários que se proclamam cristãos, mas fabricam armas! Isto desanima um pouco: dizem ser cristãos! «Não, não padre, eu não fabrico armas, não... Tenho apenas as minhas poupanças, os meus investimentos nas fábricas de armas». Ah! E porquê? «Porque os juros são um pouco mais altos...». E também as duas faces da moeda corrente, hoje: dizer uma coisa e fazer outra. A hipocrisia... Mas vejamos o que aconteceu no século passado: em 1914, mais exatamente em 1915. Houve aquela grande tragédia da Armênia. Muitos morreram. Não sei o número: sem dúvida mais de um milhão. Mas onde estavam as grandes potências de então? Olhavam para o outro lado. Porquê? Porque estavam interessadas na guerra: a sua guerra! E quantos morrem, são pessoas, seres humanos de segunda classe. Depois, nos anos 1930/40, a tragédia do Holocausto. As grandes potências tinham as fotografias dos caminhos-de-ferro que levavam os comboios aos campos de concentração, como Auschwitz, para matar os judeus, e também os cristãos, os roms, os homossexuais, para os matar ali. Mas diz-me, por que não bombardearam aqueles lugares? O interesse! E pouco depois, quase em contemporâneo, havia os lagers na Rússia: Stalin... Quantos cristãos sofreram, foram assassinados! As grandes potências dividiam entre si a Europa como se fosse um bolo. Tiveram que passar muitos anos antes de chegar a uma «certa» liberdade. Há aquela hipocrisia de falar de paz e fabricar armas, e até vender armas a quem entrou em guerra com outro, e àquele que está em guerra com este!

Entendo o que dizer acerca da desconfiança na vida; também hoje que estamos a viver na cultura do descartável. Porque se descarta o que não é útil economicamente. Descartam-se as crianças, porque não se geram, ou porque se matam antes que nasçam; descartam-se os idosos, porque não servem e abandonam-se ali, a morrer, uma espécie de eutanásia camuflada, e não se ajudam a viver; e agora descartam-se os jovens: pensai naquele 40% de jovens, aqui, sem trabalho. É exatamente um descarte! Mas porquê? Porque no centro do sistema econômico mundial não estão o homem e a mulher como Deus quer, mas o deus dinheiro. E faz-se tudo por dinheiro. Em espanhol há um lindo ditado que reza assim: «Por la plata baila el mono». Traduzo: «Pelo dinheiro até o macaco dança». E assim, com esta cultura do descartável, podemos ter confiança na vida? Com aquele sentido de desafio [que] se propaga, se alastra, se difunde? Um jovem que não pode estudar, que não tem trabalho, que tem vergonha por não se sentir digno por não ter um trabalho, por não ganhar a vida. Mas quantas vezes estes jovens acabam na dependência? Quantas vezes se suicidam? As estatísticas dos suicídios entre os jovens não se conhecem bem. Ou quantas vezes estes jovens vão lutar com os terroristas, pelo menos para fazer algo, por um ideal. Eu compreendo este desafio. E por isso Jesus nos dizia para não repor a nossa segurança na riqueza, nos poderes humanos, nos poderes deste mundo. Como posso ter confiança na vida? Como posso fazer, como posso viver uma vida que não destrua, que não seja uma vida de destruição, uma vida que não descarte as pessoas? Como posso viver uma vida que não me desiluda?

E passo a responder à pergunta de Luigi: ele falava de um projeto de partilha, ou seja, de ligação, de construção. Devemos dar continuidade aos nossos projetos de construção, e assim esta vida não desilude. Se te associares a um projeto de construção, de ajuda — pensemos nas crianças de rua, nos migrantes, em tantos que vivem em necessidade, e não para lhes dar de comer só um, dois dias, mas para os promover com a educação, com a unidade na alegria dos Oratórios e tantas coisas, mas realidades que edificam, então afasta-se, esmorece aquele sentido de desconfiança na vida. Que devo fazer por isto? Não se aposentar demasiado cedo: agir. Agir . E digo o seguinte: ir contracorrente. Ir contracorrente. Para vós, jovens, que viveis esta situação econômica, também cultural, hedonista, consumista com os valores de «bolhas de sabão», com estes valores não se vai a lado algum. Fazer coisas construtivas, mesmo se são pequenas, mas que nos unam aos nossos ideais: é este o melhor antídoto contra a desconfiança da vida, contra esta cultura que te oferece apenas o prazer: estar bem, ter dinheiro e não pensar noutras coisas.

Obrigado pela pergunta. A ti, Luigi, em parte, respondi, ou não? Ir contracorrente, ou seja, ser corajoso e criativo, ser criativo. No Verão passado recebi, uma tarde — era Agosto... Roma estava deserta. Falei por telefone com um grupo de jovens e moças que faziam camping em várias cidades da Itália, e vieram-me visitar — disse-lhes que viessem — mas pobrezinhos, todos sujos, cansados... mas felizes! Porque tinham feito algo «contracorrente»!

Muitas vezes, a publicidade quer convencer-nos de que isto é bom, que aquilo é bom, e faz-nos acreditar que são «diamantes»; Mas, reparai, estão a vender-nos vidro! E nós devemos ir contra isto, não ser ingênuos. Não comprar imundície que nos querem fazer passar por diamantes.

E para terminar, gostaria de repetir a palavra de Pier Giorgio Frassati: se quiserdes fazer algo de bom na vida, vivei, não andeis vivendo. Vivei!

Mas vós sois inteligentes e certamente me direis: «Mas, o Santo Padre fala assim porque vive no Vaticano, tem tantos monsenhores ali que lhe fazem o trabalho, está tranquilo e não sabe o que é a vida de todos os dias...». Sim, há quem possa pensar assim. O segredo consiste em compreender bem onde se vive. Nesta terra — e disse isto também à Família salesiana — em finais do século XIX a juventude crescia nas piores condições: a maçonaria estava no auge, até a Igreja nada podia fazer, havia o anticlericalismo, o satanismo... Era um dos momentos mais obscuros e um dos lugares mais tristes da história da Itália. Mas se quiserdes fazer um bom dever em casa, ide procurar quantos santos e santas nasceram naquele tempo! Porquê? Porque se aperceberam que tinham que contrastar aquela cultura, aquele modo de viver. A realidade, viver a realidade. E se esta realidade é vidro e não diamante, eu procuro a realidade contracorrente e faço a minha realidade, mas que seja serviço aos outros. Pensai nos vossos santos desta terra, no que fizeram!

E obrigado, muito obrigado! Sempre amor, vida, amigos. Mas estas palavras podem ser vividas unicamente em «saída»: saindo sempre para levar algo. Se ficardes parados nada fareis na vida e acabareis por arruiná-la.

Esqueci de vos dizer que agora entregarei o discurso escrito. Eu conhecia as vossas perguntas, e escrevi alguma coisa sobre as vossas perguntas; mas não é o que disse, isto veio-me do coração; e entrego ao encarregado o discurso, e tu dá-lo-ás a conhecer [entrega as folhas ao sacerdote encarregado da pastoral juvenil]. Muitos de vós são universitários, mas não penseis que a universidade é apenas estudar com o cérebro: ser universitário significa também sair, sair em serviço, sobretudo aos pobres! Obrigado.

**Discurso preparado pelo Santo Padre:**

Queridos jovens

Agradeço-vos este caloroso acolhimento! E obrigado pelas vossas perguntas, que nos levam ao âmago do Evangelho.

A primeira, sobre o amor, interroga-nos sobre o sentido profundo do amor de Deus, que nos foi oferecido pelo Senhor Jesus. Ele mostra-nos até onde chega o amor: até ao dom total de si mesmo, até dar a própria vida, como contemplamos no mistério do Sudário, quando nele reconhecemos o ícone do «maior amor». Mas este dom de nós mesmos não deve ser imaginado como um raro gesto heroico nem reservado para qualquer ocasião excepcional. Com efeito, poderíamos correr o risco de cantar o amor, de sonhar o amor, de aclamar o amor... sem nos deixarmos tocar nem envolver por ele! A grandeza do amor revela-se ao cuidar de quem necessita, com fidelidade e paciência; portanto, é grande no amor quem sabe tornar-se pequeno para os outros, como Jesus, que se fez servo. Amar significa estar próximo, tocar a carne de Cristo nos pobres e nos últimos, abrir à graça de Deus as necessidades, os apelos, as solicitudes das pessoas que nos circundam. Então o amor de Deus entra, transforma e torna grandes as coisas pequenas, torna-as sinal da sua presença. São João Bosco é o nosso mestre precisamente pela sua capacidade de amar e de educar a partir da proximidade, que ele vivia com os adolescentes e os jovens.

À luz desta transformação, fruto do amor, podemos responder à segunda pergunta, sobre a desconfiança na vida. A falta de emprego e de perspectivas para o futuro certamente contribui para impedir o próprio movimento da vida, colocando muitos na defensiva: pensar em si mesmo, gerir tempo e recursos em função do próprio bem, limitar os riscos de qualquer generosidade... São todos sintomas de uma vida reprimida, conservada a todo o custo e que, por fim, pode levar também à resignação e ao cinismo. Ao contrário, Jesus ensina-nos a percorrer o caminho inverso: «Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem sacrificar a sua vida por amor de mim, salvá-la-á» (Lc 9, 24). Isso significa que não devemos esperar circunstâncias externas favoráveis para nos pôr em jogo, pelo contrário, só empregando a vida — cientes de a perder! — criamos para os outros e para nós as condições de uma confiança nova no futuro. E aqui o pensamento vai de modo espontâneo a um jovem que realmente empregou assim a sua vida, a ponto de se tornar um modelo de confiança e de audácia evangélica para as jovens gerações da Itália e do mundo: o beato Pier Giorgio Frassati. Um seu lema era: «Viver, não ir vivendo!». Este é o caminho para poder experimentar na plenitude a força e a alegria do Evangelho. Assim não só encontrareis novamente confiança no futuro, mas conseguireis gerar esperança entre os vossos amigos e nos ambientes nos quais viveis.

Uma grande paixão de Pier Giorgio Frassati era a amizade. E a vossa terceira pergunta era precisamente: como viver a amizade de forma aberta, capaz de transmitir a alegria do Evangelho? Soube que esta praça na qual nos encontramos, nas noites de sexta-feira e de sábado, é muito frequentada por jovens. Isso acontece em todas as nossas cidades e aldeias. Penso que também alguns de vós se encontram aqui ou noutras praças com os vossos amigos. E então faço-vos uma pergunta: — cada um pense e responda dentro de si mesmo — naqueles momentos quando estais em companhia, conseguis fazer «transparecer» a vossa amizade com Jesus nas atitudes, no modo de vos comportardes? Pensais vós alguma vez, também no tempo livre, na diversão, que sois pequenos ramos apegados à Videira que é Jesus? Garanto-vos que pensando com fé nesta realidade, sentireis correr em vós a «linfa» do Espírito Santo, e produzireis fruto, quase sem vos dar conta: sabereis ser corajosos, pacientes, humildes, capazes de compartilhar, mas também de vos diferenciar, de vos alegrar com quem jubila e de chorar com quantos choram, sabereis amar quem não vos ama, respondereis ao mal com o bem. E assim anunciareis o Evangelho!

Os Santos e as Santas de Turim ensinam-nos que cada renovação, inclusive da Igreja, passa através da nossa conversão pessoal, através da abertura de coração que acolhe e reconhece as surpresas de Deus, impulsionados pelo maior amor (cf. 2 Cor 5, 14), que nos torna amigos também das pessoas sós, sofredoras e marginalizadas.

Queridos jovens, juntamente com estes irmãos e irmãs maiores que são os Santos, na família da Igreja nós temos uma Mãe, não o esqueçamos! Faço votos a fim de que vos confieis a esta Mãe carinhosa, que indicou a presença do «maior amor» precisamente no meio dos jovens, numa festa de núpcias. Nossa Senhora «é a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida» (Exort. apost. Evangelii gaudium, 286). Rezemos para que não nos deixe faltar o vinho da alegria!

Obrigado a todos vós. Deus vos abençoe a todos. E, por favor, rezai por mim.

1. **DISCURSO DO PAPA FRANCISCO**

**ENCONTRO COM OS JOVENS EM NAIROBI**

**27 de novembro de 2015**

Muito obrigado pelo terço que rezastes por mim. Obrigado, muito obrigado!

Obrigado pela vossa presença, pela vossa entusiasta presença aqui! Obrigado, Linette e Manuel, pelas vossas reflexões.

Há uma pergunta que está na base de todas as perguntas que me fizeram Linette e Manuel: «Porque acontecem as divisões, as lutas, a guerra, a morte, o fanatismo, a destruição entre os jovens? Porque há este desejo de nos autodestruirmos? Nas primeiras páginas da Bíblia, depois de todas as maravilhas que Deus fez, um irmão mata o seu próprio irmão. O espírito do mal leva-nos à destruição; o espírito do mal leva-nos à desunião, leva-nos ao tribalismo, à corrupção, à dependência da droga... Leva-nos à destruição através do fanatismo.

Manuel perguntava-me: «Que fazer para que um fanatismo ideológico não nos roube um irmão, não nos roube um amigo?» Há uma palavra que pode parecer incomoda, mas não a quero evitar, porque vós a usastes antes de mim: usaste-la quando me trouxestes os terços, contando os terços que rezastes por mim; usou-a também o Bispo, quando vos apresentou, dizendo que vos preparastes para esta visita com a oração. A primeira coisa que eu diria é que um homem perde o melhor do seu ser humano, uma mulher perde o melhor da sua humanidade, quando se esquece de rezar, porque se sente omnipotente, porque não sente necessidade de pedir ajuda ao Senhor à vista de tantas tragédias.

A vida está cheia de dificuldades, mas há duas maneiras de olhar as dificuldades: ou se olham como algo que te bloca, que te destrói, que te paralisa, ou se olham como uma oportunidade real. A escolha depende de vós: para mim, uma dificuldade é caminho de destruição ou oportunidade para superar a minha situação, a da minha família, da minha comunidade, do meu país?

Moços e moças, não vivemos no céu; vivemos na terra. E a terra está cheia de dificuldades. A terra está cheia não só de dificuldades, mas também de atrativos para o mal. Mas há algo que todos vós, jovens, tendes e que dura por um certo tempo, um período mais ou menos longo: a capacidade de escolher qual caminho quero seguir, qual destas duas coisas quero escolher: deixar-me vencer pela dificuldade ou transformar a dificuldade numa oportunidade, para que a vencer seja eu?

Algumas das dificuldades que mencionastes são verdadeiros desafios. Assim, primeiro, impõe-se uma pergunta: quereis superar estes desafios ou deixar-vos vencer pelos desafios? Quereis ser como os atletas que, quando vêm jogar aqui no estádio, querem ganhar, ou como aqueles que já venderam a vitória aos outros e meteram o dinheiro ao bolso? A escolha é vossa!

Um desafio que mencionou Linette é o do tribalismo. O tribalismo destrói uma nação; o tribalismo significa ter as mãos escondidas atrás das costas com uma pedra em cada uma delas para jogá-la contra o outro. O tribalismo só se vence com o ouvido, com o coração e com a mão. Com o ouvido, escutando: Qual é a tua cultura? Porque és assim? Porque tem a tua tribo este hábito, este costume? A tua tribo sente-se superior ou inferior? Com o coração: depois de ter escutado a resposta com os ouvidos, abro o meu coração; e, depois, estendo a mão para continuar o diálogo. Se não dialogardes entre vós e não vos ouvirdes, então haverá sempre o tribalismo, que é como um verme que corrói a sociedade. O dia de ontem – para vós, fazemo-lo hoje – foi declarado dia de oração e de reconciliação. Agora quero convidar a todos vós, jovens – à Linette e ao Manuel para virem aqui – a darmo-nos as mãos uns aos outros; pomo-nos de pé e damo-nos as mãos como sinal contra o tribalismo. Todos formamos uma única nação! Somos, todos, uma única nação! Assim deve ser o nosso coração. Para superar o tribalismo não basta levantar a mão hoje; isto é o desejo, é a decisão. Mas superar o tribalismo é um trabalho de todos os dias. Vencer o tribalismo é um trabalho de todos os dias; é um trabalho do ouvido: escutar o outro; um trabalho do coração: abrir o coração ao outro; um trabalho da mão: dar-se as mãos uns aos outros... E agora demo-nos as mãos uns aos outros.... «Não ao tribalismo!»

Sentai-vos!

Outra pergunta que fez Linette é sobre a corrupção. No fundo, perguntava-me: «Pode-se justificar a corrupção simplesmente com o fato de que todos estão a pecar, que todos são corruptos? Como podemos ser cristãos e combater o mal da corrupção?»

Lembro-me que, na minha pátria, um jovem de 20-22 anos queria dedicar-se à política; estudava, estava cheio de entusiasmo, sempre em movimento dum lado para o outro... Encontrou trabalho num Ministério. Um dia teve de decidir a propósito duma compra que era preciso fazer; então pediu três preventivos, estudou-os e escolheu o mais econômico. Depois foi ao escritório do chefe para que o assinasse. «Porque escolheste este?» – «Porque é preciso escolher o mais conveniente para as finanças do país». – «Não, e não! É preciso escolher aquele que mais te enche os bolsos» – disse. Então o jovem respondeu ao chefe: «Eu vim fazer política para ajudar a pátria, para fazê-la crescer». E o chefe respondeu-lhe: «E eu faço política para roubar». Isto é apenas um exemplo; e não acontece apenas na política, mas em todas as instituições, incluindo o Vaticano, há casos de corrupção. A corrupção é algo que penetra dentro. É como o açúcar: é doce, gostamos, é fácil... e depois? Acabamos mal. Temos um fim desastrado. Com tanto açúcar fácil, acabamos diabéticos e também o nosso país se torna diabético.

Sempre que aceitamos uma «nota por baixo da mesa», um suborno, sempre que aceitamos uma «nota por baixo da mesa» e a metemos ao bolso, destruímos o nosso coração, destruímos a nossa personalidade e destruímos a nossa pátria. Por favor, não ganheis gosto a este «açúcar» que se chama corrupção. «Mas, Padre, eu vejo muitos que são corruptos, vejo tantas pessoas que se vendem por um punhado de dinheiro, sem se preocuparem com a vida dos outros». Como em todas as coisas, é preciso começar: se não queres a corrupção no teu coração, na tua vida, na tua pátria, começa tu… agora! Se não começas tu, também o teu vizinho não começará. A corrupção rouba-nos também a alegria, rouba-nos a paz. A pessoa corrupta não vive em paz.

Uma vez (isto que vos conto, é um fato histórico), na minha cidade, morreu um homem. Todos sabiam que era um grande corrupto. Então, alguns dias depois, perguntei: Como foi o funeral? E uma senhora, que tinha um grande sentido de humor, respondeu-me: «Padre, não conseguiam fechar o caixão, a urna, porque ele queria levar todo o dinheiro que roubara». Aquilo que roubais com a corrupção, ficará aqui e qualquer outro se aproveitará dele. Mas ficará também – tenhamo-lo bem em mente – no coração de tantos homens e mulheres que foram feridos pelo teu exemplo de corrupção. Ficará na falta de bem que poderias ter feito e não fizeste. Ficará nos adolescentes doentes, esfomeados, porque o dinheiro que era para eles, por causa da tua corrupção, gozaste-lo tu. Moços e moças, a corrupção não é um caminho de vida; é um caminho de morte.

Havia depois uma pergunta sobre o modo como usar os meios de comunicação para difundir a mensagem de esperança de Cristo e promover iniciativas justas para que se veja a diferença. O primeiro meio de comunicação é a palavra, é o gesto, é o sorriso. O primeiro gesto de comunicação é a proximidade. O primeiro gesto de comunicação é procurar a amizade. Se falardes bem entre vós, se sorrirdes uns para os outros, se vos aproximardes como irmãos; se vos aproximardes uns dos outros, mesmo pertencendo a tribos diferentes; se vos aproximardes de quem precisa, daqueles que são pobres, dos abandonados, dos idosos que ninguém visita, se estiverdes perto deles, estes gestos de comunicação são mais contagiosos do que qualquer rede de televisão.

Repassando todas estas perguntas, espero ter-vos dito algo que vos possa ajudar. Mas rezai muito a Jesus, suplicai ao Senhor que vos dê a força para destruir o tribalismo, para serdes todos irmãos; que vos dê a coragem para não vos deixardes corromper, que vos dê o desejo de poderdes comunicar entre vós como irmãos, com um sorriso, com uma palavra amável, com um gesto de ajuda e com a proximidade.

Também o Manuel fez perguntas incisivas no seu testemunho. Preocupa-me a primeira coisa que disse: «Que podemos fazer para impedir o recrutamento dos nossos entes queridos? Que podemos fazer para conseguir que regressem? Para responder a isto, devemos saber por que motivo um jovem, cheio de esperanças, se deixe recrutar ou se ofereça para ser recrutado. Afasta-se da sua família, dos seus amigos, da sua tribo, da sua pátria; afasta-se da vida, porque aprende a matar... Esta é uma pergunta que deveis pôr a todas as autoridades. Se um jovem, um moço ou uma moça, um homem ou uma mulher não têm emprego, não conseguem estudar, que podem fazer? Podem fazer-se delinquentes, cair numa forma de dependência, suicidar-se (na Europa, não se publicam as estatísticas de suicídios), ou arrolar-se numa atividade que lhes dê um objetivo na vida…, enganando-se.

A primeira coisa que devemos fazer para evitar que um jovem seja recrutado ou procure fazer-se recrutar é proporcionar-lhe instrução e trabalho. Se um jovem não tem trabalho, que futuro o espera? Daí provém a ideia de se deixar recrutar. Se um jovem não tem possibilidades de receber uma educação, mesmo uma educação de emergência, de pequenos encargos, que pode fazer? Aqui está o perigo! É um perigo social, que nos ultrapassa, que ultrapassa o próprio país, porque depende dum sistema internacional que é injusto, que não coloca a pessoa no centro da economia, mas o deus dinheiro. E que posso fazer para o ajudar ou trazê-lo de volta? Antes de mais nada, rezar; mas com força! Deus é mais forte que qualquer campanha de recrutamento. E depois? Falai-lhe com afeto, com ternura, com amor e com paciência. Convidai-o para ver um jogo de futebol, convidai-o para dar um passeio, convidai-o para estar junto no grupo. Não o deixeis sozinho. Isto é o que agora me vem à mente.

Com certeza há comportamentos – é a tua segunda pergunta – que prejudicam, comportamentos em que se procuram felicidades passageiras, que acabam depois por vos prejudicar. A pergunta que me fizeste, Manuel, é uma pergunta digna de um professor de teologia: «Como podemos compreender que Deus é nosso Pai? Como podemos ver a mão de Deus nas tragédias da vida? Como podemos encontrar a paz de Deus?» Esta pergunta, põem-na, duma forma ou doutra, os homens e mulheres de todo o mundo. E não encontram uma razão. Há perguntas a que, por mais que nos esforcemos em responder, não se consegue encontrar uma resposta. «Como posso ver a mão de Deus numa tragédia da vida?» Haverá ao menos uma resposta? Não, não há resposta. Só há uma estrada: olhar para o Filho de Deus. Deus entregou-O para nos salvar a todos. O próprio Deus fez-Se tragédia. O próprio Deus deixou-Se destruir na cruz. E, quando vier um momento incompreensível, quando estiverdes desesperados, quando o mundo vos cair em cima, olhai para a Cruz! Ali há o falimento de Deus; ali há a destruição de Deus. Mas ali há também um desafio à nossa fé: a esperança. Porque a história não acabou naquele falimento: houve a Ressurreição que nos renovou a todos.

Tenho uma confidência a fazer-vos… (Tendes fome? É meio-dia? Não...) Então vou fazer-vos uma confidência. No bolso, trago sempre duas coisas [tira-as para fora do bolso e mostra-as]: um terço, um terço para rezar; e outra coisa, que parece estranha... Que é isto? É a história do falimento de Deus, é uma Via-Sacra, uma pequena Via-Sacra [mostra uma caixa que se abre e contém pequenas imagens]: como Jesus sofreu desde quando foi condenado à morte até que foi sepultado... E, com estas duas coisas, procuro fazer o melhor que posso. Mas, graças a estas duas coisas, não perco a esperança.

Uma última pergunta do «teólogo» Manuel: «Que diria aos jovens que não experimentaram o amor nas suas famílias? É possível sair desta experiência?» Por todo o lado há adolescentes abandonados, ou porque foram abandonados ao nascer ou porque, na vida, os abandonaram a família, os pais, não sentindo o carinho da família. Por isso é tão importante a família. Defendei a família. Defendei-a sempre. Por todo o lado há não apenas crianças abandonadas, mas também idosos abandonados, que se encontram sem ninguém que os visite, sem ninguém que lhes queira bem. Como se pode sair desta experiência negativa de abandono, de falta de amor? Existe apenas um remédio para sair destas experiências: dar aquilo que eu não recebi. Se não recebestes compreensão, sede compreensivos com os outros; se não recebestes amor, amai os outros; se sentistes a tristeza da solidão, aproximai-vos daqueles que estão sozinhos. A carne cura-se com a carne! E Deus fez-Se carne para nos curar. Façamos também nós o mesmo com os outros.

Bem, creio que sejam horas de concluir, antes que o árbitro apite o fim. DE coração vos agradeço por terdes vindo, por me terdes permitido falar na minha língua materna... Agradeço-vos por terdes rezado tantos terços por mim. E, por favor, peço que rezeis por mim, porque também eu preciso… e muito! E antes de partirmos, peço-vos para os levantardes todos e rezarmos juntos ao nosso Pai do Céu, que tem apenas um defeito: não pode deixar de ser Pai!